

PERNAMBUCO



O PREÇO DO PODER

ENSAIO INÉDITO ANALISA COMO OS
PERSONAGENS SUBALTERNOS SÃO TRATADOS
NOS GRANDES CENTROS DE CONSUMO

GALERIA JORDAN MATTER

Fotógrafo de Nova York apresenta o projeto *Dancers among us (Dançarinos entre nós)*, da Paul Taylor Dance Company, que mostra movimentos de dança em lugares icônicos de Manhattan, como a New York Public Library.

CREATIVE COMMONS



COLABORADORES



Fábio Andrade, professor da UFRPE, escritor e crítico literário



Luís Henrique Pellanda, jornalista e autor de, entre outros, *Nós passaremos em branco* (2011)



Regina Dalcastagnè, professora de Literatura da Universidade de Brasília

E MAIS

Luiz Vilela, escritor. **Luzilá Gonçalves Ferreira**, escritora. **Thiago Soares**, jornalista, fotógrafo e professor do Departamento de Pós-Graduação da UFPE. É autor do livro de ensaios *Videoclípe – O elogio da desarmonia*. **Urariano Mota**, jornalista e escritor. **Yasmin Taketani**, jornalista. Vive em Curitiba (PR)

CARTA DO EDITOR

O censo de 1960 registrava que 45% dos brasileiros viviam em metrópoles. Dez anos depois, esse percentual aumentou para 56%. Agora, 40 anos depois, a população urbana chega a 84%. Esse crescimento não somente interferiu na economia do país, mas também na arte brasileira, em especial, na literatura, como comprova a pesquisa coordenada pela professora da UnB Regina Dalcastagnè sobre cerca de 400 romances nacionais publicados nos anos 1965-1979 e 1990-2004. Segundo os estudos, 58,8% da ficção do primeiro período tinha a cidade grande como cenário, número que sobe para 82,6% no segundo período.

Com a migração do universo rural para a metrópole nos romances, as narrativas passam a ser ambientadas em espaços urbanos, como o supermercado, e começam a exibir uma nova problemática. Regina, autora da matéria de capa, analisa o tema, flagrando as relações sociais estabelecidas dentro desse centro de compras a partir de quatro livros de autores nacionais. “Local de excessos, por onde os consumidores de classe média transitam com a desenvoltura que o dinheiro lhes oferece, ele se apre-

senta como acessível a todos, embora não passe de mais um território cercado, com regras rígidas e etiqueta própria, como todo estabelecimento comercial”, escreveu.

Ainda nesta edição, o jornalista Fábio Andrade assina o texto que encerra o especial sobre críticos, resgatando o nome do pernambucano Tomás Seixas, definido aqui como “autor inclassificável”, devido à sua atuação como crítico e escritor, que, a propósito, é o mesmo perfil de José Castello, o entrevistado desta edição. O romancista revela sua visão de mundo através do olhar de quem assumiu vários papéis dentro da literatura: autor, leitor e crítico. Outras afirmações marcantes desta edição estão na homenagem à lembrança de um ano de morte do Padre Daniel. Publicamos algumas das declarações inéditas do poeta sobre sua vida, que deverão ser compiladas em livro. “(...) foi assim que fui formando a minha visão de que viver é um incessante ensaio de convivência com os opostos, fora de nós e dentro de nós”.

Boa leitura.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO
DE PERNAMBUCO
Governador
Eduardo Campos

Secretário da Casa Civil
Francisco Tadeu Barbosa de Alencar

COMPANHIA EDITORA
DE PERNAMBUCO – CEPE
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL
Everardo Norões (presidente)
Antônio Portela
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Raimundo Carrero e Schneider Carpeggiani

REDAÇÃO
Debóra Nascimento, Gilson Oliveira e Mariana Oliveira
(revisão), Mariza Pontes e Marco Polo (colunistas)

ARTE
Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)
Sebastião Corrêa (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves
e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Alexandre Monteiro, Armando Lemos e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva

Cepe
EDITORA

PERNAMBUCO é uma publicação da
Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140

Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplemento.com.br

BASTIDORES

A infância sob influência de Bandeira

Romancista revela os meandros dos personagens que compõem seu novo livro, cuja visão do protagonista foi criada a partir de poema do poeta pernambucano

KARINA FREITAS



Urariano Mota

Comecei o romance em 10 de janeiro de 2011, em letrinha miúda nas páginas de um caderno de capa vermelha, numa escrita quase hieroglífica. Quando se tornou legível na digitação do micro, o livro se concluiu em 3 de fevereiro de 2012. Mas até agora não consigo ter distância crítica de *O filho renegado de Deus*.

Em muitas páginas as suas linhas foram mais desenterradas que escritas. O romance possui pontos que fazem um iceberg íntimo. Na capa do caderno anotei um chamamento: ver frase da página 76 do manuscrito. E lá se escreve circulado: “Jimeralto nunca se disse por que embora ateu guardava fundada uma noção de pecado — é que ele começou a ser louco por mulher a partir do sexo da mãe”. Ainda que de um personagem, palavras assim não formam frases, são arrancos que não se dizem em público. Em outro lugar, para dar significação ao que o menino via, escondido, quando testemunhava o amor da mãe pelo irmão gêmeo, ao observá-la em cochichos na cozinha, ele se fala, ao narrar na maturidade o visto na infância, que era um “secreta de Deus”. Isso porque os seus olhos viam o que Deus se negava a ver, logo Ele para quem uma só folha não caía longe dos olhos. Jimeralto, o secreta de Deus, substituíu a justiça divina, que nunca chegou para Maria. O secreta via e compreendeu na maturidade aquele amor compensatório de Maria pelo irmão homossexual.

Um mês depois de começado o romance, em 10 de fevereiro de 2011, copiei com paciência esta iluminação de Manuel Bandeira: “Quando comparo esses quatro anos de minha meninice a quaisquer outros quatro anos de minha vida de adulto, fico espantado do vazio destes últimos em cotejo com a densidade daquela quadra distante”. O poeta se referia ao período dos seis aos dez anos de idade. Anotei o *insight* porque descortinava os desdobramentos do romance. Então pude ver que o livro se apoiava em três colunas: os personagens Filadelfo, Maria e a luz da frase de Bandeira.

De Filadelfo eu sabia que era um mulato escuro, “quase negro”, vindo de uma sociedade de classes mais brutal que a média das pessoas brutalizadas. Havia sido guia de cego, filho único, bastardo, de mãe negra filha de escravos. O pai oculto de Filadelfo, um português evangélico, pastor, engravidou a negra e fugiu para pregar em outras freguesias. É um milagre, anotei, que Filadelfo não tenha se tornado um criminoso, como tantos da sua condição. Salvou-o do crime legal o “espiritismo”, ao qual foi convertido por um padrinho tardio, o vidente e médium Manoel de Carvalho.

Da sua mulher, Maria, aponte que dela haveria duas visões. Uma, a que lhe davam os vizinhos do beco onde morava. Para eles, Maria era mulher

gorda, baixinha, impulsiva, valente, mulher que ao ser comparada a vizinhas sensuais, desejadas, não passava de uma “albacora”. Anotei que mesmo em tal visão estética, deformante e deformada, reconheciam nela generosidade e valentia. Davam-lhe as qualidades daqueles destinados à morte logo cedo. No crescimento do romance, ela será a mãe vista pelos olhos de Jimeralto. Então ela será como lhe aparecia em sonhos e num retrato retocado na sala, mulher bela, bonita, expressão última de coragem em um rosto feminino. Dona de um leite farto que distribuía a outras mães, tão generosa e socializada era na própria carne.

É desse casamento que nasce Jimeralto, o narrador que se torna o filho renegado de Deus, a Máxima Autoridade, o pai que assassinava pessoas, infância e mulher.

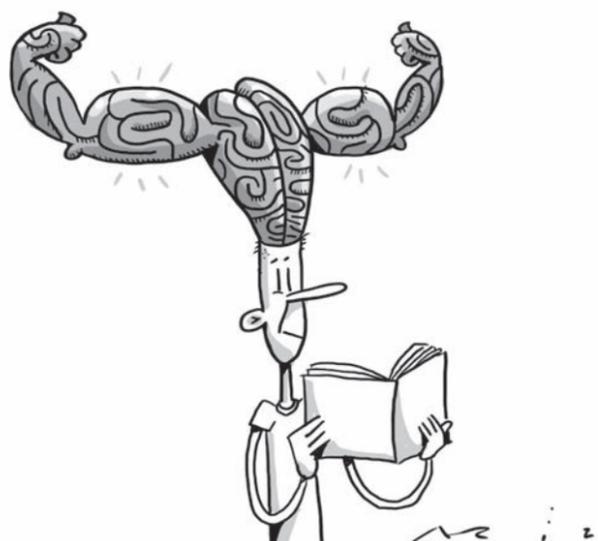
Ouvi muito Bach enquanto escrevia o romance. Ouvi muito Beethoven nas horas mais difíceis, quando precisava serenar sob os concertos para violino e orquestra, nos momentos em que vinha uma vontade danada de tudo largar e ficar de frente olhando o oceano, idiota e insone, das 7 da manhã até a madrugada. Mas era preciso continuar, o livro devia ser digno da memória de uma certa Maria, que ordenou ao personagem no começo do romance:

“— Senta, filho, que os mortos voltam.

Ela nada lhe disse assim, de viva voz, mas ele obedeceu à ordem. O que faz um homem quando reencontra a sua mãe falecida? Obedece-lhe, contrito, grato, louco doido de amor, de carinho e saudade. Os dados factuais insistem em dizer que eram quatro da tarde, no cemitério de Santo Amaro, fins de dezembro. Mas o que são os dados factuais? Eles nada dizem que correu um fio daquele encontro. Fio de sangue, cujo sal ele sentiu na boca, na língua, embora o sangue, pelo tempo, já houvesse perdido a sua organicidade fresca, animal. Mas os animais não sabem que bicho estranho é o homem. O sangue houve, fluindo daquele encontro. Sangue represado que rebentava”.

Tendo assim começado o livro, difícil foi encerrá-lo, pois nele também se transformava o amador na coisa amada. Não havia coragem de fechar a narrativa de Maria, “porque o fim do discurso também fechava a mágica, que era o fim da ressurreição de Maria”. Então o livro não findou. Então o personagem saiu do cemitério sabendo que os tempos se uniam, de 2012 a 1958.

CARTUNS BRUNO AZIZ



O LIVRO



O filho renegado de Deus
Editora Bertrand Brasil
Páginas 350
Preço R\$ 42,00

ESPECIAL

Tomás Seixas: A fusão entre crítica e criação

No último artigo da série, a lembrança do crítico e autor falecido há 20 anos

Fábio Andrade

JANIO SANTOS



No último artigo de nossa série, dedicamos espaço a um escritor inclassificável. Praticamente desconhecido do leitor atual, Tomás Seixas escreveu intensamente para os jornais pernambucanos durante pelo menos uns 30 anos, dos anos 1940 até o final dos anos 1960. Inclassificável, porque embora tenha produzido poemas, poemas em prosa, e textos reflexivos sobre a literatura e o papel do crítico, isso tudo parecia se misturar em zonas de contato muito singulares no panorama da literatura pernambucana.

Nascido em 1916, no Recife, e dedicado a fazer de sua vida a vida de um dândi na esteira de Baudelaire e Rimbaud, que representavam algumas de suas paixões literárias fundamentais, ao lado de Rilke, Kafka, Joyce, entre outros; Tomás Seixas teve sua obra envolta de tal forma pelo desconhecimento que a importante antologia *Pernambuco: terra da poesia*, organizada por Antonio Campos, informa, por exemplo, que Tomás teve um único livro de poemas publicado em vida. Na verdade, seu primeiro livro, *Os mortos*, data de 1942, e apresenta grande influência do movimento surrealista. E, além dele, o poeta lançou *Adeus à adolescência*, também na década de 1940. Segue-se um longo hiato em que não podemos afirmar que não tenha publicado nada, já que Tomás Seixas preferia as plaquetes e publicações independentes, com poucos textos, numa postura marginal que ao longo de sua vida ia se investir, como demonstram os depoimentos daqueles que foram amigos próximos, de outras peculiaridades. Morto em 1993, sua obra literária está esperando ainda uma reunião que possa exprimir sua qualidade e singularidade. Ainda podem ser somadas a essa escassa lista *Sonata a Lilian*, de 1984, estranha narrativa que põe em cheque a questão dos gêneros, assim como o igualmente desconcertante *A casa dos sonâmbulos*, de 1990, misto de romance, biografia e crítica de livros e arte.

A ideia de uma escritura, de que falavam teóricos da literatura e críticos, como Barthes, Derrida, entre outros, pode ser utilizada, num certo sentido, para definir os textos de Tomás Seixas. Os gêneros se diluem e dão lugar a um fluxo em que a criação e a reflexão sobre a literatura compõem um contínuo, potencializado pela linguagem e por uma forma sutil de olhar para a realidade, esta sempre mediada pela memória e pela palavra que nunca pertence apenas ao produtor da escritura, mas a um legado poético-existencial que se origina nos autores fundamentais da modernidade – Baudelaire, Rimbaud, Valéry, Joyce, Rilke, Kafka – e desembocam no texto “novo”.

Na sua crítica literária, ou seja, naqueles textos que produziu com o intuito, principalmente, de refletir sobre obras e estilos – embora, essa divisão entre criação e crítica só seja possível até certo ponto – comparece certo “impressionismo”, como foi próprio da crítica feita nos jornais. Nesse sentido, seus textos se enquadram bem na noção de crítica de rodapé, até porque após o período de vigência desse tipo de crítica, Tomás Seixas não publicou textos reflexivos sobre literatura num livro independente. A reflexão crítica dilui-se nas suas últimas obras. Mas, é preciso dizer, já nos seus textos, por assim dizer, críticos de rodapé, as fronteiras entre criticar e criar estão postas em xeque.

No início da década de 1950, encontramos Tomás Seixas numa coluna que manteve no *Jornal do Commercio*, intitulada *Anotações*, alinhavando uma espécie de narrativa autobiográfica em meio aos livros e ao contato com escritores e poetas; com reflexões pontuais sobre a obra de T. S. Eliot: “Encontro em T.S. Eliot um domínio integral de todas as formas, todas as cores. Eliot sutaliza as expressões, mesmo as mais vulgares ou de uso corrente, fazendo como nenhum outro poeta moderno a poesia



particular da vida cotidiana”. As *Anotações*, sempre se referindo ao mês de publicação – essa em que ele cita Eliot são as *Anotações de junho* –, apresentam um caráter fragmentado e aparentemente caótico. A cada mês ele publicava um pequeno conjunto desses fragmentos que tratavam do Carnaval, da melancolia, da contemplação da tarde, enfim, sempre com lastro em alguma obra, em algum texto literário. Após o fragmento citado acima sobre Eliot continua o crítico-poeta: “Imagino durante esse passeio o poeta Eliot deambulando através das ruas de Londres, conversando com os seus amigos, tomando chá na companhia de uma velha amiga da sua mocidade, acertando o seu relógio por um relógio público. Tenho pensado muito em Eliot, ultimamente... mas é melhor calar, me diz ele através de um dos seus poemas”.

Uma leitura mais apurada desses textos de Tomás Seixas permite ver que a ideia dos intertextos estão em profunda sintonia com a sua visão de memória, uma memória de vida que se confunde com a reminiscência de suas leituras, um apagamento também das fronteiras entre memória individual e memória literária. Em 1951 publica no lugar das anotações uma pequena narrativa, intitulada *Os últimos dias de Oscar Wilde*. Num breve relato, compõe o que seria o período final da vida de um dos autores que cultuava. Wilde é descrito como um “admirador exaltado da própria personalidade”, ou ainda um homem arruinado pelos valores da época e perdido entre a sua antiga identidade, destruída publicamente pela prisão por ser homossexual; e a identidade que assumiu, simples e anônima, para viver seus últimos e miseráveis dias. Há algo de romântico, de heroísmo patético nos autores interpretados por Tomás Seixas e que representam, desde a velha visão romântica do poeta como um apartado, até a visão mais moderna do escritor

Morto em 1993, sua obra literária está esperando ainda uma reunião que possa exprimir sua qualidade e singularidade

como um agente subversivo da linguagem. Tanto num âmbito como no outro, o exercício da literatura adquire uma aura marginal ou maldita.

Em 1966, no mesmo *Jornal do Commercio*, Tomás Seixas trata justamente desse caráter subversivo da literatura ao escrever sobre Joyce. O artigo se chama *O gênio analítico de Joyce*, e nele Seixas assinala esse proceder com a linguagem como marca fundamental da modernidade de Joyce. Segundo ele, “tendo como objetivo destruir os preconceitos da lógica comum, que, tanto no domínio da vida social, quanto no da arte e da estética, rege uma infinidade de criaturas, é que Joyce, no *Ulisses*, começou por subverter implacavelmente as leis da linguagem escrita”. Essa subversão garantiria a Joyce um lugar ao lado dos escritores e poetas que fizeram da literatura aquilo que o crítico francês Jacques Rancière chamou de verdadeira *contracultura*.

Algo desse heroísmo moderno e patético, como já afirmamos, Tomás Seixas tentou levar para a sua própria vida. Uma pista para isso encontra-se num artigo publicado também em 1966, intitulado *Poetas*, onde ele relembra um encontro seu com Lêdo Ivo, Cyro dos Anjos e Thiago de Mello, no Rio de Janeiro. Afirma o poeta que à época não pôde intervir diretamente na conversa sobre o valor dos poetas franceses – Lêdo Ivo afirmava, segundo Tomás Seixas, ser Victor Hugo maior do que Baudelaire – e que utilizaria então o seu artigo para dizer aquilo que ficou suspenso num gesto que os ânimos exaltados sufocaram. E ao exprimir sua opinião sobre a poesia, diz que “devem os poetas ser tão poéticos quanto os seus poemas”. Eis a chave para compreender o dandismo que Tomás Seixas ostentou toda a sua vida. Foi uma maneira de fazer valer a máxima de Rimbaud, poeta que representava uma das suas maiores paixões literárias: a de poetizar o cotidiano. Assim Tomás Seixas fixou a imagem de um boêmio inveterado, convivendo com todo o *underground* de sua época.

Mas além do boêmio, ou melhor, juntamente com ele, a imagem do devorador de livros, um leitor borgeano, preso numa babel labiríntica e sombria. Parecia que só valia a vida que emanava dos livros, superando sempre a vida por viver. Nas palavras de César Leal, que com Francisco Brennand, entre outros, participou de um grupo do qual fez parte Tomás Seixas, reunindo-se sempre para conversar e discutir sobre literatura: “Ariano Suassuna costuma dizer que é algo de maravilhoso ouvir Tomás Seixas falar sobre a arte e a literatura de qualquer época. Embora nunca haja ensinado em uma universidade, ele fala sobre Cervantes e Shakespeare com elegância, força e segurança, somente comparável a poetas como Oscar Wilde, um Pound e um Montale”.

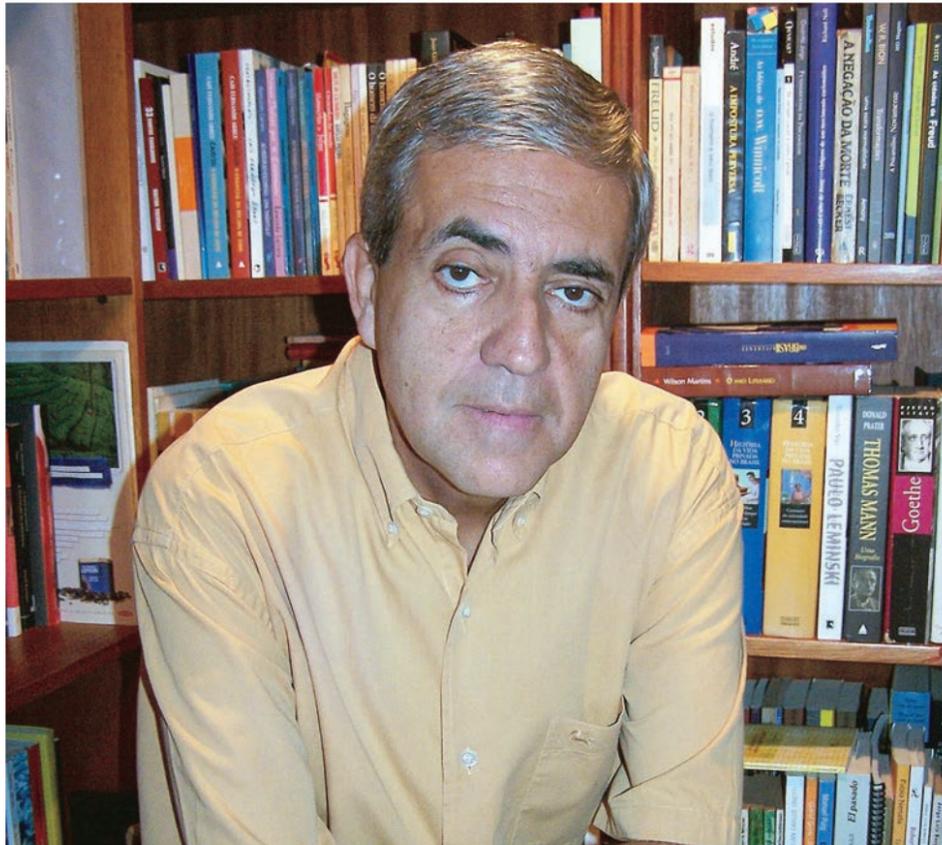
ENTREVISTA

José Castello

“A literatura é tão potente quanto a ciência e a religião”

Ao lançar nova coletânea de textos, romancista e crítico reclama da ideia excludente de que a arte seja apenas “matéria de especialistas”, de “doutores”

JOAQUIM DE CARVALHO/DIVULGAÇÃO



Entrevista a **Yasmin Taketani**

Não se sabe muito bem como definir os textos de José Castello. Crítica literária, dizem uns, apesar das visíveis diferenças em relação às resenhas que se lê na imprensa; crônica literária, arriscam outros. Definições à parte, esse escritor e “leitor profissional” que vive hoje entre Curitiba (PR) e o Rio de Janeiro (RJ), onde nasceu, mais do que nos instigar a ler ou não um livro em especial a partir de sua avaliação crítica, acende no leitor a paixão pela literatura.

É este o espírito dos textos de *Sábados inquietos* (Leya), uma seleção feita pelo próprio autor a partir da coluna que assina no caderno Prosa, de O Globo, desde 2007, e de *As feridas de um leitor* (Bertrand), que reúne artigos sobre literatura

publicados na imprensa e conferências. Nos dois livros, transitamos pelas leituras de José Castello de autores nacionais e estrangeiros, contemporâneos e clássicos, de prosa, poesia e filosofia em textos empolgantes, por vezes angustiantes e sempre interessantes pelas ideias que o autor compartilha, de maneira tão honesta, com o leitor. São relatos de suas viagens através dos livros.

Nesta entrevista, Castello, autor de *O poeta da paixão* (Companhia das Letras, Prêmio Jabuti), biografia de Vinicius de Moraes, e do romance *Ribamar* (Bertrand, Prêmio Jabuti), entre outros, fala sobre suas leituras “caóticas”, crítica literária e contesta a ideia da literatura como divertimento, afirmando ser ela possivelmente o “último reduto da singularidade, da pluralidade e da paixão”.

Qual o papel da literatura em sua vida?

A literatura, para mim, é mais que uma profissão, ou um ofício. É um instrumento, muito precioso, de acesso e desvendamento do real. Odeio a ideia, muito em moda, de que a literatura é um “divertimento”, de que “ler é uma grande diversão”. Antes de divertir, a leitura é uma aventura – e com tudo o que uma aventura inclui: riscos, inquietações, perigos. Em um mundo no qual as religiões se tornam cada vez mais dogmáticas e severas; em um mundo no qual a ciência se torna cada vez mais fria e abstrata; no qual a filosofia se fecha cada vez mais em sistemas e em conceitos – nesse mundo, a literatura se torna, talvez, o último reduto da singularidade, da pluralidade e da paixão. Ela devolve o homem à vida. É pelo menos assim que eu a vejo.

O senhor coloca a si próprio como personagem, apresenta impressões, relaciona o livro analisado com sua própria vida, recorda de outras leituras e autores e apresenta suas ideias. A resposta mais frequente aos seus textos são leitores emocionados, o que raramente acontece na leitura de uma resenha ou crítica. Como chegou a este modelo?

Não sei responder. O que posso dizer? Que sou assim, que esse é meu estilo (bom ou ruim), que isso sou eu (gostem ou não). Desde menino sou assim. Nas aulas de português, lendo Bandeira ou Vinicius nas antologias escolares, as lágrimas escorriam de meu rosto e eu morria de vergonha. A literatura sempre me afetou pessoalmente. E falo tanto da leitura quanto da escrita. Um livro só me interessa se provoca algum impacto, alguma turbulência em meu interior. Não basta um escritor “escrever bem”: ele tem de lutar para dizer aquilo que ninguém disse, para dizer aquilo que é só seu – por menor que isso seja. A emoção sempre esteve no centro de minha relação com a literatura. Meus poetas prediletos – Manoel de Barros, Orides Fontela, Adélia Prado, Hilda Hilst, Paulo Henriques Britto – são poetas que me tiram do chão. Meus prosadores favoritos – João Gilberto Noll, Raduan Nassar, Cristovão Tezza, Raimundo Carrero, Rubens Figueiredo – são

“ Há sempre algo que lateja e desestabiliza, mesmo no mais medíocre dos livros. É preciso saber ler isso

aqueles cuja escrita me desloca e me intriga. Todo leitor sai ferido de uma leitura. Todo escritor sai ferido de uma escrita. Se não sai, não leu ou escreveu para valer. É como eu entendo as coisas.

Não me recorde de uma coluna em que pese “erros e acertos”. O senhor parece tratar todos os livros sobre os quais escreve como algo apaixonante. **Considera a tarefa de pesar erros e acertos improdutivo?** Há muito tempo deixei de ver o crítico como um juiz que dá veredictos e aponta sentenças – boas ou más. Eu sei, há muita gente que ainda trabalha assim, mas este é um caminho que não me interessa. Posso odiar um livro, ter belos argumentos para isso, mas meu leitor pode amá-lo. Quem está com a razão? Eu – só porque sou “crítico literário”? Não penso assim. Portanto, não me interessa dizer se um livro é ruim ou bom. Não me cabe julgá-lo. Tudo o que faço, na leitura de qualquer livro, é apontar, descrever, narrar o impacto que sua leitura provocou em mim. Mesmo os livros mais precários podem provocar sobressaltos. Há sempre algo que lateja e desestabiliza, mesmo no mais medíocre dos livros. É preciso saber ler isso. É o que tento fazer. Como já disse outras vezes, considero a leitura uma viagem – como uma viagem à Índia ou à Lua. Ler é viajar através de um livro. Depois, escrevo uma carta a meu leitor narrando minhas experiências (sempre pessoais) de viagem. Não falo em nome de teorias, de tendências, de grupos: falo sempre em meu próprio nome. Se erro, sou eu

mesmo quem erro – mas isso cabe ao leitor julgar, e não a mim. Minhas críticas – se é que são críticas – são cartas de viagem que despacho semanalmente para meus leitores.

O modelo do crítico “ideal” estaria entre o “acadêmico” e o “impressionista”, que não nega os impactos que a literatura causa no espírito?

Sim, talvez aí, nesse meio. Algo por aí. Mas não gosto muito da ideia de um “crítico ideal”, assim como não acredito no “leitor ideal” e nem mesmo no “escritor ideal”. Cada um lê, escreve, critica com o que tem. Com o que é. A experiência com a escrita é absolutamente singular. É uma experiência secreta: nem você mesmo consegue dizer para onde está indo. É algo que se faz às cegas, movido pela paixão – ou não se faz. Se você não tem paixão, vá jogar tênis, tomar um chope, namorar, que será muito melhor do que se aproximar da literatura. Não estou ironizando, acho isso mesmo.

Seus textos se relacionam também com acontecimentos atuais, cinema, artes plásticas, filosofia, música. A leitura de literatura em especial produz um efeito diferente de outras formas de arte e o alimenta de modo diferente da filosofia?

A literatura não é um saber especializado. Infelizmente, sua entrada na universidade criou essa deformação: a de que a literatura é “matéria de especialistas”, algo que só “doutores” estão autorizados a manipular e decifrar. Mas não! A literatura está no mundo,

conecta-se com o mundo, espalha-se pelo mundo. Ler e escrever ficção e poesia é uma experiência viva – é algo que se relaciona diretamente com a vida e nela interfere diretamente também. Precisamos derrubar essas muralhas que separam a literatura do mundo. A literatura é tão potente quanto a ciência, a religião, a filosofia. Só que não é (nem pode ser) ciência, religião ou filosofia. É um saber à parte – e um saber regido pelo primado do singular. Cada leitor é “dono” de seu livro e de sua leitura. Cada escritor é senhor absoluto de sua escrita. A literatura, hoje, é um dos mais importantes redutos da liberdade interior.

Como é sua rotina de leitor? O que é um bom leitor?

Não tenho regras para os outros. Cada um é o leitor que consegue. “Bom leitor” não passa de uma idealização, e idealizações não me interessam. Aprendi isso, em grande parte, com a literatura – lendo desde os clássicos, como você observou, aos contemporâneos. Leio caoticamente. Não me considero um “leitor profissional”, embora viva de minha crítica literária, de minhas palestras e oficinas sobre literatura etc. O que quero dizer é: cada um lê como pode. Comigo também é assim. Leio rabiscando os livros que leio, à caneta e não a lápis, com anotações, setas, resumos, comentários. Meus livros, nesse sentido, são “imprestáveis” – se tornam impossíveis de ler. Não tenho nenhuma relação sagrada com os livros, estou muito longe da figura do colecionador. Tenho uma relação viva com

“ Cada um lê, escreve, critica com o que tem. Com o que é. A experiência com a escrita é absolutamente singular

eles: eu os rabisco, uso como blocos de anotações, “entro neles”. Vejo-os como lugares que, durante algum tempo, devo habitar. E chego inteiro, ou pelo menos tento chegar assim.

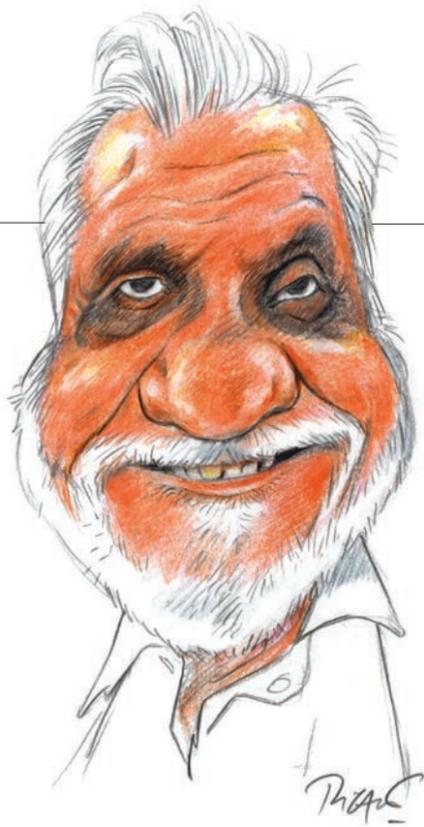
O senhor preza a capacidade da literatura de desestabilizar o leitor e, em seus textos, formula novas perguntas a partir das que um livro lhe coloca. Qual a pergunta que o persegue atualmente? E que livros desestabilizaram-no recentemente?

A pergunta que sempre me perseguiu, desde menino, e que ainda hoje mais me persegue, é a mais antiga de todas: quem sou eu? Creio que estamos, de alguma forma, nos fazendo essa pergunta o tempo todo. Visto essa camisa ou aquela? Vou primeiro ao mercado ou à livraria? Quero ler um livro ou ir à praia? A vida inteira, todo o tempo, estamos nos perguntando a respeito de nosso desejo. E é justamente com essa pergunta, a respeito do desejo, que a literatura faz conexão. Não que ela a responda: ela a expande. Escritores como Gonçalo M. Tavares, Valter Hugo Mãe, Enrique Vila-Matas, João Gilberto Noll, Manoel de Barros, Sérgio Sant’Anna estão todo o tempo fazendo isso: expandindo o mundo com sua escrita. Vejo a literatura como uma espécie de alimento. O desejo é uma fome interminável, que nunca é saciada. Não é que a literatura a sacie: mas ela a enfrenta. A literatura é o melhor instrumento que conheço para nos ajudar na fome de existir. Ela é, como diz o Noll muito bem, uma “máquina de ser”.

O senhor retrata a literatura como contraponto necessário ao mundo contemporâneo.

Considera-se um otimista em relação à literatura e pessimista frente ao mundo?

Otimista quanto à literatura, sim. Posso dizer, sem nenhum exagero, que a literatura me salvou. Se olho para meu passado, para minha história de vida, não consigo pensar nela sem incluir a literatura. Sem nenhum drama: nem sei o que teria sido de mim sem ela. E, tenho certeza, não sou o único que pode dizer isso. A maior parte dos escritores que conheço, de uma forma ou de outra, foram “salvos” – do vazio, da loucura, da angústia, da ausência de sentido – por seus escritos. Quanto ao mundo, não sou nem pessimista, nem otimista. Acho que o mundo é como é: cheio de problemas, de contradições, de experiências dolorosas, de erros brutais. Mas ele é assim, é o mundo que existe e que nos cabe viver. Ele é humano. Viver é aprender a amar apesar de tudo. Claro, me horrorizo com os fanatismos, os radicalismos, a violência, a brutalidade. O cinismo me provoca náuseas. A ganância. A arrogância. Há muitas coisas no mundo que não aprecio nem um pouco. Existem algumas figuras – pense no pastor Feliciano, esse homem completamente fora do lugar – que realmente me levam a pensar, às vezes, que o mundo não tem solução. Mas a verdade é que solução não existe: o mundo será sempre feito de problemas e viver é enfrentá-los. É o que tento fazer. A vida é uma luta, e uma luta que deve ser vivida com paixão.



Raimundo CARRERO

Romance para ser falado e não para ser lido

A força da palavra de
Antônio Geraldo em *As
visitas que hoje estamos*

A sugestão da quarta capa não poderia ser mais precisa e definitiva:

“A imagem de uma orelha descomunal bem poderia ser o emblema deste livro. De fato, ele parece ser o resultado de ouvido absoluto para as vozes deste mundo e, de certo modo, até do outro. O partido compositivo – tão próprio dos impasses da modernidade – de revolver nas falas mesmas a realidade social e histórica que se deposita, como sentimento na linguagem vai, aqui, a sua potência máxima”.

Exatamente isso. Um romance que não é história ou imagem, mas sons, falas, burburinhos, ironias, fotos e, não raro, palavras. Assim pode-se definir o romance *As visitas que hoje estamos*, de Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira, capaz de revelar o espírito inquieto do nosso tempo. Inquieto, sofrido e desesperado. Desde o título pode-se perceber que o livro não acompanha a sintaxe tradicional, não afirma, não assegura e não conclui, espera que o leitor, e quem sabe, o crítico, compreenda a extensão do som, aquilo que é infinito, que nunca vai terminar, embora a imagem nos leve a uma espécie de espaço concreto que, no entanto, também não se realiza. Portanto, um romance sem espaço e sem tempo. Algo que, a princípio, parece impossível de se realizar.

Antonio Geraldo, porém, apostou no impossível. E conseguiu trazê-lo para as páginas deste romance – seria mesmo um romance? – que chamaria de não escrito, como parecem não escritas as cenas dos famosos comícios agrícolas de *Madame Bovary*, onde Flaubert pretendeu apenas ouvir vozes – através desta orelha descomunal – quando criou os diálogos entrecruzados, conforme a definição de Mário Vargas Llosa, as vozes soltas e circulares, os sons atravessados, enfim, o sutil burburinho da feira para quem se encontra em uma distância razoável. Vem daí, acredito, a inquietação de Antonio Geraldo. É um romance não escrito, mas falado, e falado, muitas vezes, sem clareza, ao sabor dos ventos e das chuvas. Não importa uma história bem contada, bem alinhavada, entendida na que chamam bela construção de frases, embora algumas delas estejam ali, buliçosas, latejando, ardentes. Até porque muito mais forte é o som, a orelha descomunal ouvindo, ouvindo e interpretando, arrancando da luz e das sombras seus movimentos.

Antonio Geraldo não precisa das imagens corriqueiras, tradicionais, e quando precisa vai em busca de fotos irônicas e dramáticas – como aquela dos santos anônimos ou da natureza-morta – revelando uma presença risonha ou inquietante – para se realizar na interpretação. Por isso o romancista tem plena confiança no que faz, no que realiza, mesmo que a orelha não seja olho. Mas por que é que a orelha não pode ver? Os sentidos deslizam por todas as páginas. Por isso se pode dizer que, no geral e no particular, *As visitas que hoje*

REPRODUÇÃO



estamos não é um romance para ser apenas lido, mas para ser sentido. Para ser absorvido pelos olhos e pelos ouvidos. Para circular no sangue.

Não é por acaso que se afirma na orelha: “Em um gesto de infinita piedade, o livro recolhe o imenso vozerio e seu clamor, podem não mais pode resgatá-los nem lhes dar um destino, com uma ironia dolorida e isenta de malignidade, pode apenas endereçá-los aos Santos Anônimos, patronos de uma inacreditável capelinha, cuja imagem

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

INFANTIL

Coletânea recupera originais de contos infantis; alguns, até cruéis, dão o que pensar aos pais

Antes da censura politicamente correta canções e contos infantis mostravam a dura realidade: “Atirei o pau no gato/ mas o gato não morreu” é uma das cantigas. A história de João e Maria começa com um ato de crueldade: Como não têm com que alimentar os filhos, seus pais os abandonam numa floresta para serem devorados pelas feras. A inglesa Angela Carter (1940-

1992) dedicou-se a colecionar as versões originais de contos infantis de várias partes do mundo sob o título geral *A menina do capuz vermelho e outras histórias de dar medo*, publicado no Brasil pela Companhia das Letras em parceria com a Penguin Books. Com tradução de Luciano Vieira Machado, é livro para se ler e repensar. Crianças estão aprendendo a ver um mundo maquiado?

FOTO-DIVULGAÇÃO





verídica o leitor – também ele um Santo Anônimo – encontrará ao ler este romance.”

A força da palavra em Antonio Geraldo encontra-se, por exemplo, em textos como este: “Toma, pai, não consegui dizer nada, não disse nada, desperdicei um monte de papel, bola no cesto, não consegui escrever o que queria dizer, não sei o que quero dizer, umas verdades, pelo menos, mas não deu, toma, toma, pai, você tem razão, sempre teve, eu não tenho, nunca tive, nunca tomo jeito, mesmo,

que que eu sou, toma, apesar de que adivinho a sua conclusão, pra isso que eu já sei não precisava gastar tinta, nem isso aqui me sai direito, ficou assim, toma desse jeito mesmo, nem nisso aqui me sai direito, e o pior é que não posso dizer que tenho a quem puxar”.

De forma que se pode perceber, assim num repente, o quanto é forte e belo este romance de Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira. Um romance para ser falado e não para ser lido. Enfim, um romance não escrito.

POESIA

Antologia atualiza produção dos cantadores

Retratos do Sertão (Edição do Autor), de Marcos Passos, é uma antologia poética que reúne 88 poetas populares que vão desde clássicos, como Pinto do Monteiro e Louro do Pajeú, até a nova geração que mantém a tradição acoplando a ela cenários, palavreado e fatos da contemporaneidade, como Bruno Lins e Bia Marinho. O resultado é um belo painel da poesia popular nordestina.

PUBLICIDADE

Livro mostra como marcas podem ser atacadas, através das redes sociais, pelos consumidores

O que a Burger King, a Nike e a Disney têm em comum? São marcas de conglomerados empresariais que atingem o mundo todo. Mas, com o advento das redes sociais, são também os alvos prediletos dos consumidores dispostos a descobrir posturas condenáveis por trás das publicidades massivas. A análise da questão está no livro *Terrorismo de marca* (Confraria do Vento),

da professora universitária pernambucana Izabela Domingues. Em projetos coordenados coletivamente, os consumidores acusam a Disney de racismo (príncipes e princesas são sempre louros de olhos azuis), a Burger King de desprezar os direitos dos animais na forma de abate das aves para seus hamburgers e a Nike de explorar mão de obra barata. A discussão está em pauta.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIÇÃO DE ORIGINALS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, em fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. As páginas deverão ser numeradas.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

Secretaria
da Casa Civil



CAPA

Subjetiva violência em meio às prateleiras

O espaço urbano como metáfora para a hierarquia na ficção e na vida real

Regina Dalcastagnè

Em agosto de 2011, um vazamento no Salão Verde da Câmara dos Deputados, em Brasília, colocou um grupo de bombeiros diante de inscrições feitas nas paredes pelos operários que construíram a cidade, em 1959. Eram frases curtas, mensagens de esperança deixadas em um lugar por onde não passariam políticos, advogados ou jornalistas, um canto esquecido e fechado sob a laje do Congresso Nacional que seria, eventualmente, visitado apenas por outros trabalhadores, como eles. Algumas anônimas, outras assinadas e datadas, as inscrições emocionaram a cidade – e foram esquecidas. De qualquer modo, permanecem lá, narrando subterraneamente a história desses homens e de sua relação com um espaço que, afinal, ajudaram a erguer.

É sobre as narrativas dessa relação – subjetiva, estética e política – entre homens e mulheres desprovidos de poder e o espaço que, a um só tempo, ocupam e os constitui, que pretendo me debruçar aqui. A partir da leitura de quatro livros: *Guia afetivo da periferia* (2009), de Marcus Vinícius Faustini, *Eles eram muitos cavalos* (2001), de Luiz Ruffato, *Ninguém é inocente em São Paulo* (2006), de Ferréz, e *Passageiro do fim do dia* (2010), de Rubens Figueiredo, discutirei um desses espaços possíveis – o supermercado. Lugar corriqueiro e sem grande interesse para a classe média bem situada, os supermercados impõem aos que não tem dinheiro uma série de constrangimentos, cujos reflexos se inscrevem diretamente no corpo das personagens.

As personagens da literatura brasileira contemporânea são, frequentemente, marcadas pela ambiguidade em relação ao espaço narrativo. Muitas vezes descarnadas e sem rumo, se apresentam como seres confusos, que habitam um espaço não menos conturbado – um espaço que se estreita ou se alarga de modo igualmente sufocante. Talvez porque já não exista mais aquele território comum da epopeia antiga e medieval, o lugar para onde o herói voltava após suas andanças e lutas, resgatando o sentido da vida e restaurando sua existência. Como observa Paul Conrad Kurz, em *La nueva novela europea*, “a composição épica de nosso tempo, o romance, está sociológica e psicologicamente em estreita conexão com a perda de uma comunidade de apoio, de uma compreensão abarcadora da fé e do mundo, com a individualização e o isolamento do ‘herói’”.

Nunca antes os homens, e as mulheres, possuíram tamanha mobilidade geográfica, o que faz com que os sentimentos comunitários percam centralidade. Michel Walzer, em *The communitarian critique of liberalism*, lembra que “comunidades são mais do que simples locais, mas elas são melhor sucedidas quando estão permanentemente localizadas”. Dormir em um país e acordar em outro não implica apenas uma espécie de aceleração do tempo, mas também uma possível transformação da identidade do migrante, que, longe de casa, deixa de enxergar no outro o reconhecimento de si, como acontece com o protagonista das *Confissões de Ralfo*, de Sérgio Sant’Anna, por exemplo, que atravessa imensos territórios em um piscar de olhos, transformando-se sempre num outro homem, com gestos, caráter, personalidade diferentes.

Mas essas personagens circulam por um espaço que também se constrói sobre representações anteriores, embora muitas vezes busquem remeter a um “real-concreto” que as precede. Não é possível desconhecer, na constituição desses espaços, outras

literaturas, os quadrinhos, o cinema, a música norte-americana, a televisão, o apelo às mais diferentes marcas de alimentos e objetos, que, segundo Renato Ortiz, compõem nosso território mundializado: “A mundialização não se sustenta apenas no avanço tecnológico. Há um universo habitado por objetos compartilhados em grande escala. São eles que constituem nossa paisagem, mobiliando nosso meio ambiente” (*Mundialização e cultura*). O que, no final das contas, não torna esse espaço menos concreto do que o chão árido de um Graciliano Ramos, por exemplo, apenas mais adequado ao dia a dia de nossas grandes cidades, feitas de deslocamentos e impressas sob o signo da velocidade.

A CIDADE

Dentro dessa perspectiva, é preciso ressaltar ainda que essas cidades, tornadas impalpáveis e indistintas pela velocidade, são domínio de poucos. Como lembra Zigmunt Bauman, “em vez de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la. Ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidade – ao mesmo tempo que desnuda o território, no qual outras pessoas continuam confinadas, do seu significado e da sua capacidade de doar identidade” (*Globalização: as consequências humanas*). Daí a necessidade de se olhar o espaço urbano também pelo ângulo daqueles que estão impedidos de se mover, muito embora observem “impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés”. As cidades, então, muito mais que espaços de aglutinação, são territórios de segregação.

Se podemos dizer que hoje, mais do que nunca, o espaço constitui a personagem, que o transporta em si, seja ela nômade ou não (é através de seus gestos, sua dicção, seus dentes e sapatos que sabemos de onde ela vem e por onde não pode passar), convém lembrar que personagens efetivamente fixas na sua comunidade estão quase ausentes da narrativa brasileira contemporânea. Afinal, o Brasil se urbanizou em um período muito curto – o censo de 1960 registrava 45% de brasileiros vivendo em cidades, número que chegaria a 56% em 1970 e a 81% em 2000; já os dados do IBGE para o último censo apontam 84% de população urbana em 2010. E a literatura acompanhou a migração para as grandes cidades, representando de modo menos ou mais direto as dificuldades de adaptação, a perda dos referenciais e os problemas novos que foram surgindo com a desterritorialização. Assim, o espaço da narrativa brasileira atual é essencialmente urbano ou, melhor, é a grande cidade, deixando para trás tanto o mundo rural quanto os vilarejos interioranos, como pode ser comprovado a partir de uma pesquisa coordenada por mim na Universidade de Brasília sobre cerca de 400 romances brasileiros publicados entre os anos de 1965–1979 e 1990–2004: 58,8% dos romances do primeiro período tinham a grande cidade como cenário, número que sobe para 82,6% no segundo período.

A cidade é um símbolo da sociabilidade humana, lugar de encontro e de vida em comum – e, neste sentido, seu modelo é a polis grega. Mas é também um símbolo da diversidade humana, em que convivem massas de pessoas que não se conhecem, não se reconhecem ou mesmo se hostilizam; e aqui o modelo não é mais a cidade grega, e sim Babel. Mais até do que a primeira, esta segunda imagem, a da



THIAGO SOARES



realidade

ficção

CAPA

THIAGO SOARES



desarmonia e da confusão, é responsável pelo fascínio que as cidades exercem, como locais em que se abrem todas as possibilidades. Mas a cidade não é um espaço homogêneo. Bem ao contrário, é fragmentado e, sobretudo, hierarquizado, marcado por interdições tácitas, que definem quais habitantes podem ocupar quais lugares. Na base destas hierarquias urbanas, estão as principais assimetrias sociais – vinculadas a classe, sexo, raça, orientação sexual, idade, deficiência física. Para se entender as configurações do espaço na literatura brasileira contemporânea, seria importante, então, observar como ela reage a essa situação. As assimetrias incorporadas na organização do espaço urbano podem ser simplesmente aceitas como dados e, de alguma maneira, naturalizadas; podem ser problematizadas, de forma a revelar os padrões de dominação e opressão subjacentes; ou podem ser tensionadas, por narrativas que as subvertem.

O CORPO

Segundo a geógrafa britânica Doreen Massey, em *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*, “o espaço é uma dimensão implícita que molda nossas cosmologias estruturantes. Ele modula nossos entendimentos do mundo, nossas atitudes frente aos outros, nossa

política. Afeta o modo como entendemos a globalização, como abordamos as cidades e desenvolvemos e praticamos um sentido de lugar. Se o tempo é a dimensão da mudança, então o espaço é a dimensão do social: da coexistência contemporânea de outros”. Por isso mesmo é possível dizer que nenhum espaço se define a priori por si próprio. Ele é sempre o espaço de alguma coisa, uma relação preenchida por outra presença.

A ideia de espaço como vazio a ser ocupado contribui para a ocultação das relações de poder que o caracterizam. No lugar dessa imagem, Massey propõe sua compreensão como dimensão de múltiplas trajetórias, de “histórias até então” em uma interpenetração espaço-temporal. Assim também o lugar, idealmente concebido como sistema fechado de uma comunidade essencializada, deixa de ser local de coerência para significar ponto de encontro de diversas temporalidades, histórias e identidades. Qualquer espaço define-se, portanto, como termo constitutivo de uma relação sujeito-objeto (sujeito enquanto individualidade ou coletividade). Pensar o espaço implica, neste caso, pensar a maneira como os sujeitos o praticam: sua situação, localização e/ou habitação.



o médico

A escritora Carolina Maria de Jesus tinha uma percepção aguda dessa relação já nos anos 1960, no seu *Quarto de despejo*: “Quando estou na cidade tenho a impressão de que estou na sala de visitas com seus lustres de cristais, seus tapetes de veludo, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão de que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”. É especialmente reveladora, aqui, a aproximação entre espaço e corpo. O fato de ser obrigada a morar num lugar feio e sujo faz com que ela se perceba como um trapo descartado. Talvez porque, como diz Pierre Bourdieu em *La misère du monde*, “as imposições mudas dos espaços arquitetônicos se dirigem diretamente ao corpo, obtendo dele a reverência e o respeito que nascem do distanciamento”. De qualquer forma, a metáfora da escritora é bastante pertinente para a situação de milhões de brasileiros(as) hoje, para os(as) quais a cidade, com tudo aquilo que tem de positivo, continua sendo um lugar muito distante.

Para essas pessoas – ao contrário do que acontece com as personagens de classe média de autores como Bernardo Carvalho ou João Gilberto Noll, por exemplo, que se deslocam sem impedimentos de um país a outro –, ocupar um espaço é sinônimo de

se contentar com os restos: as favelas, a periferia, os bairros decadentes, os prédios em ruínas. Mesmo o trânsito por determinados lugares e ruas lhes é vetado, como se houvessem placas, visíveis apenas para elas, dizendo “não entre”. Afinal, retomando Bourdieu, “não há espaço, numa sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e sobretudo mascarada pelo efeito de naturalização que proporciona a inscrição das realidades sociais no mundo natural: as diferenças produzidas pela lógica histórica podem assim parecer surgidas da natureza das coisas”.

Talvez por isso mesmo seja tão comum em nossa literatura que cada personagem esteja “em seu devido lugar”. No romance, como nas telenovelas, no cinema, na publicidade, no jornalismo, em suma, nas diferentes representações da realidade brasileira (ainda que não necessariamente nela própria), a divisão de classes, raças e gênero é muito bem marcada: pobres e negros nas favelas e nos presídios, homens brancos de classe média e intelectuais nos espaços públicos, mulheres dentro de casa, negras na cozinha... Nas narrativas, os contatos entre os diferentes estratos são, em geral, episódicos. Quando representados,

quase sempre estão marcados pela violência – mas, aí, costuma-se privilegiar a violência aberta com que por vezes se expressam integrantes das classes subalternas, em detrimento da violência silenciosa, estrutural, que é exercida sobre os dominados. Desaparecem as humilhações sofridas pelas personagens pobres, que saem da periferia tomando vários ônibus para chegar a uma cidade que não lhes pertence, nem as acolhe. Desaparecem os constrangimentos diários, as ofensas miúdas, o embate com as autoridades, a necessidade constante de explicações para a sua simples presença.

Por isso mesmo, é importante observar tanto o desconforto vivido pelas personagens nesses espaços hostis quanto as respostas possíveis experimentadas por corpos insubmissos que decidem ocupar lugares que não lhes são destinados. Afinal, o confronto entre corpos socialmente construídos para ocuparem espaços diferentes é um aspecto relevante quando está em discussão a representação de grupos sociais – mulheres, negros, pobres, velhos, homossexuais, deficientes físicos – que costumam ser marcados pelo discurso dominante justamente por suas características corporais. Discurso que constrói esses corpos como o “diferente” e, a partir daí, os assinala como “feios, sujos, manchados, impuros, contaminados ou doentes”, forçando-os a lidar, muitas vezes em silêncio, com a aversão ou a condescendência dos grupos privilegiados, como lembra Iris Marion Young em *Justice and the politics of difference*.

NO SUPERMERCADO

Um lugar significativo para se observar esse impacto do espaço físico nos corpos de personagens pobres é justamente o supermercado. Local de excessos, por onde os consumidores de classe média transitam com a desenvoltura que o dinheiro lhes oferece, ele se apresenta como acessível a todos, embora não passe de mais um território cercado, com regras rígidas e etiqueta própria, como todo estabelecimento comercial. Não é um lugar para quem não tem dinheiro – o que pode ser denunciado muito antes de se chegar ao caixa, seja pela forma como se está vestido(a), seja

*Como afirmou
Pierre Bourdieu,
“As imposições
mudas dos espaços
arquitetônicos se
dirigem diretamente
ao corpo”*

pelos gestos, demasiado expansivos ou excessivamente constrangidos. Mas também não é um espaço impermeável, como algumas lojas caras de um shopping center, por exemplo. Por isso mesmo, é o ambiente ideal para se analisar as inúmeras possibilidades de representação das experiências de inadequação vividas por personagens pobres em determinados espaços, nas poucas obras literárias que se detêm a narrá-las.

Em *Guia afetivo da periferia*, Marcus Vinícius Faustini nos leva para o supermercado no fusca do seu padrasto, logo que chega o salário do mês. O autor conta da alegria que era para ele, menino, entrar no carro com o padrasto e a mãe, sair de Duque de Caxias e ir para a Casas da Banha na Avenida Brasil, no Rio de Janeiro, para fazer as compras. No caminho, o padrasto contava a mesma história, todas as vezes: “Eu vi a Avenida Brasil no barro”. É daí que se constrói a memória afetiva desse lugar para o narrador, uma memória que se soma à memória mais antiga do padrasto. A descrição do espaço do supermercado passa pela expectativa do leite condensado, que nem sempre era comprado, pelo passeio cauteloso com o carrinho nos corredores, pelas dimensões gigantescas do prédio, pela

CAPA

quantidade de produtos e, finalmente, pela refeição feita na lanchonete do supermercado: macarrão com carne e catchup.

A cena é curta, mas compõe esse espaço como um lugar de lazer regrado. As possíveis ansiedades dos pais se revelam na contagem do dinheiro antes da saída, na declarada impossibilidade de comprar o que iria além do absolutamente essencial, na proibição do menino de subir no carrinho (para não amassar as compras). O supermercado aparece, em contraposição ao mercadinho perto de casa, como o espaço da fartura, com suas dimensões ampliadas, as várias marcas de produtos expostos. Espaço que o menino, de algum modo, parece poder dominar – ao menos em sua lembrança escrita muitos anos depois.

É bem diferente a situação do jovem trabalhador do supermercado no conto “Pão doce”, do livro *Ninguém é inocente em São Paulo*, de Ferréz. Em vez de um espaço de lazer com a família, o lugar é fonte de desgaste e humilhação. Os longos corredores e a infinidade de produtos são o martírio do rapaz, que tem de percorrê-los ininterruptamente para fazer a reposição do que era levado pelas pessoas: “quanto mais eu repunha a mercadoria, mais as pessoas compravam. Acabava o macarrão, eu buscava o palete e, quando chegava, o arroz também estava no fim. Logo que repus o arroz, o feijão e o óleo estavam no fim também. Toda vez que eu tentava passar com o carrinho, as pessoas reclamavam. Estava incomodando todo mundo”.

É a ciência dessa possibilidade que torna alguns espaços proibidos, mesmo quando nos pareçam relativamente abertos a todos

Ao contrário de um local de passagem – como pode ser vivenciado pela perspectiva dos consumidores –, o supermercado nos é apresentado pelo olhar dos que trabalham ali, como espaço de exploração e de hierarquias profundamente marcadas e todo dia reencenadas. O jovem que, como no outro livro, nos narra em primeira pessoa, precisa conviver com as humilhações diárias de gerentes e seguranças. Não só sobre si, mas também com os que frequentam o supermercado, uma vez que ele nos descreve a diferença entre o tratamento dado aos ricos que furtam e aos pobres. O tom da narrativa, que reflete, obviamente, os sentimentos do rapaz, é de constante revolta e cansaço, culminando com o momento em que o gerente se aproxima para reclamar do cheiro de suor de seu corpo. É quando ele joga tudo para o ar e vai embora – mais um desempregado pelas ruas de São Paulo, como o homem que entra no supermercado em *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato.

Ali, não há experiência de lazer possível, nem lugar para algum diálogo desaforado. O protagonista, descrito em terceira pessoa como o “negro franzino, ossudo, camisa de malha branca surrada calça jeans imundo tênis de solado gasto que empurrava um carrinho de supermercado havia cerca de meia hora”, é seguido nos corredores pelo “segurança, negro agigantado, espadaúdo, impecável dentro do terno preto”. A tensão vai crescendo enquanto o “negro franzino” coloca leite em pó, fraldas e mamadeira dentro do carrinho, depois retira, devolve à gôndola, volta e coloca tudo de novo no carrinho. Os gestos de desconforto e insegurança do homem diante dos produtos, e talvez das câmeras do supermercado, são interpretados pelo “negro espadaúdo” e pelo chefe de segurança como uma tentativa de camuflagem para um roubo. Daí a violência contra ele e o recurso direto à polícia, mesmo com o homem se explicando enquanto apanha: que estava ali porque lhe nascera o filho, que estava

desempregado, que pensava em pedir que alguém lhe pagasse as compras, apesar da vergonha.

O supermercado, assim, muito mais do que um espaço com pé direito alto, longos corredores e uma imensidão de produtos a serem infinitamente levados e repostos, é o lugar da vigilância, das câmeras de segurança, sempre prontas a encontrar o gesto suspeito, o movimento indesejado. E a personagem de Ruffato, sem dinheiro, com roupas inadequadas e com um corpo que revela seu desconforto, está ocupando um espaço indevido; por isso o “negro franzino” será expulso e, mais do que isso, punido. É a ciência dessa possibilidade que torna alguns espaços proibidos, mesmo quando nos pareçam relativamente abertos a todos.

Nos três exemplos acima, as narrativas dessa relação do pobre com o espaço do supermercado, apesar de significativas, são muito breves. A situação é tratada com mais vagar, e muita sutileza, em *Passageiro do fim do dia*, de Rubens Figueiredo. Como no *Guia afetivo da periferia*, temos ali toda a preparação anterior para a ida ao supermercado. No lugar do menino e seus pais, um velho aposentado por invalidez e sua cunhada, também doente e idosa. Em vez do dinheiro contado, o vale de compras, arduamente conquistado num programa de assistência social do governo. No lugar do fusca, “o brasão masculino do padrasto”, eles vão à pé até o supermercado, para economizar as passagens do ônibus e poder voltar de táxi com as compras do mês. O homem se empolga com a cena que visualiza: chegar em frente à casa e retirar do porta-malas, diante do olhar dos vizinhos, as inúmeras sacolas de plástico cheias de produtos.

Dentro do supermercado, o velho e a cunhada ficam extasiados com a quantidade e variedade de produtos a que teriam acesso: “Havia uma satisfação, uma sensação de força, um alívio que passava para o corpo e que eles tratavam de aproveitar ao máximo”. Assim, “retardavam o passeio do carrinho, iam e voltavam pelos corredores, retiravam alguns produtos que já haviam apanhado e punham outros em seu lugar”, estavam “tão atentos às mercadorias, que ficavam mais vistas por causa das luzes brancas e brilhantes lá do alto, que mal se davam conta da presença de outras pessoas”. Estão, até este momento, vivendo o prazer do menino de *Guia afetivo da periferia*, mas a situação muda quando eles chegam na fila do caixa e começam a ser olhados e se veem sendo vistos, no contraste entre o seu carrinho “irregularmente” cheio e a sua aparência irremediavelmente pobre.

A ansiedade vai sendo construída de forma paulatina, num crescendo: o movimento impaciente das outras pessoas na fila, a cara feia da caixa, a certeza – reafirmada para si mesmos – de que podiam estar ali porque tinham como pagar. O ápice da tensão se dá quando a caixa do supermercado, tão mal-humorada quanto o carregador do conto de Ferréz, não consegue passar o cartão do benefício e descobre que sua validade havia expirado no dia anterior. Então tudo desmorona em torno dos dois velhos, o corpo esfria, o ar lhes falta, eles são esmagados pela vergonha. É quando a moça do caixa, munindo-se de uma autoridade nova, que só pode ser exercida sobre aqueles que nada têm, exige em alto e bom tom que eles devolvam todos os produtos ao seu lugar nas prateleiras.

Com as pontas dos dedos, a senhora “empurrava de leve a mercadoria em seu lugar, fazia questão de alinhá-la de acordo com as outras. Cada produto de que se desfiziam causava mágoa. A garganta apertada. Nenhum, nem o mais barato deles, foi deixado para trás com indiferença. O tato, o manuseio dos frascos de vidro, dos potes de plástico, o formato das caixinhas na mão dos dois um momento antes de abandoná-los em seu lugar aumentavam a pena”. Angustiadíssimos com os olhares que os cercam, com a zombaria que pressentem, eles também são punidos por estarem em um lugar que não lhes cabe. E é só quando se veem do lado de fora, na rua, em meio ao movimento dos carros e ao lixo acumulado pela cidade, que podem expressar sua dor, e lembrar de sua identidade: “No fim, um cansaço pesava sobre os dois e no caminho de volta para casa, a pé, ficaram em silêncio o tempo todo. Até que pararam na beira de uma rua, perto de alguns sacos pretos de lixo amontoados em redor de um poste. Os dois à espera de que o sinal fechasse e os carros e motocicletas passassem. Só aí o pai de Rosane olhou para a esquerda e percebeu que a cunhada fungava, puxava para dentro algum

THIAGO SOARES



resto de choro. E viu que ainda estava com o cartão magnético seguro na mão. Ele então pegou o cartão, abriu o zíper da bolsa da cunhada e o colocou lá dentro, junto da carteira de identidade”.

VIOLÊNCIAS

Muitas representações da experiência dos pobres na sociedade brasileira privilegiam a exposição da violência aberta, na forma da criminalidade ou da brutalidade policial. Basta lembrar de um romance como *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, dos contos de Rubem Fonseca, ou mesmo de filmes como *Carandiru* e *Tropa de elite*, por exemplo. Esse tipo de violência não é estranha aos grupos privilegiados. Eles sofrem, talvez, modalidades diferentes dela, possuem outras formas de proteção e mantêm outro tipo de relação com os poderes públicos; ainda assim, há uma identificação possível. Sobretudo, a violência aberta encontra uma condenação moral

unânime – há uma resposta comum e sem maiores ambiguidades a ela.

Mas outras formas de violência convivem no mesmo espaço. O filósofo esloveno Slavoj Žižek (em *Sobre la violencia: seis reflexiones marginales*) distingue três tipos de violência. O que chamei de violência aberta e ele chama de “violência subjetiva” é a mais evidente, aceita como tal, possui um perpetrador individual identificável, um “culpado” que podemos condenar. Mas há também uma violência simbólica (encarnada na linguagem) e uma violência sistêmica, que é fruto das estruturas sociais. Essas duas últimas determinam a vivência cotidiana, criando entraves e limitando possibilidades, impedindo as pessoas de decidir suas próprias vidas, constringendo-as a privações e humilhações. Justamente por construírem o cotidiano, passam despercebidas, como algo próprio da natureza das coisas – e não são vistas como

manifestações de violência. A condenação a elas não é automática, nem categórica; ao contrário, tem de ser disputada politicamente.

A violência simbólica e a violência sistêmica atingem de maneira muito mais específica os diferentes grupos sociais. O(a) leitor(a) de classe média bem estabelecida se encontra em situação de completa exterioridade em relação à experiência daquele(a) que vai ao supermercado contando os trocados, que tem que devolver produtos no caixa ou que sabe que o segurança desconfia de sua presença ali. A literatura pode ser um espaço onde essa perspectiva tenha lugar, permitindo uma aproximação a realidades que são, reiteradamente, silenciadas. Pode ser um espaço de acolhimento, o que implicaria na construção de novas estruturas narrativas, mas pode ser também um lugar de reflexão, impulsionando leitores(as) a repensarem o modo como ocupam o mundo.

RESENHA

Diz o poeta, “O autorretrato é retocado”

Depoimentos do Padre Daniel revelam o ambiente que formou o artista

Luzilá Gonçalves Ferreira

No momento em que lembramos sua passagem entre nós – ele nos deixou há um ano – não podemos deixar de recordar sua figura risonha, os olhos marotos, mesmo quando falava de coisas sérias, e rler sua forte, incisiva, inteligente poesia, que mereceu, em 2011, o maior prêmio conferido a livro de poemas no Brasil, o Alphonsus Guimarães, da Biblioteca Nacional. E que, mesmo quando leve, delicada, aparentemente fácil, nos conduz a caminhos insabidos nos longes de nós mesmos, obriga a rever coisas e pessoas a nosso redor, entregando-nos uma visão de mundo muito pessoal, essa mesma que obriga à reflexão e exige o reconsiderar nossa posição diante daquilo que Daniel Lima chamava de divertida travessia, nossa passagem sobre a terra. E nem falamos no espanto ante a beleza do seu texto, na surpresa das imagens, no emprego e mesmo na invenção de palavras, com as quais tentamos, tão aproximadamente, dizer o cotidiano, nós outros incapazes de dar conta do que ele sempre contém de riquezas, como o queria Rainer Maria Rilke.

Os textos que agora apresentamos ao leitor são parte de um longo e precioso depoimento que padre Daniel Lima deu, há alguns anos, aos amigos Zeferino, Vital, Zildo, Célia, guardado com o carinho que merecem aqueles que amamos, e que a Cepe pretende, mais tarde, publicar na íntegra. Depoimento que, ao recordar fatos do passado, é ao mesmo tempo confissão, questionamento, entrega sem reservas, de um ser humano que viveu plenamente seus 95 anos. Uma espécie de autorretrato do artista quando jovem e até nem tanto. Ninguém recorda nada com pura objetividade, afirma Daniel. Mas nessa fala do poeta, o leitor descobre, inteiro, alguém que exerceu, com intensidade e lucidez, a capacidade de pensar, de amar as coisas boas e belas da vida, no encontro consigo mesmo, com o saber que a humanidade nos legou, através dos séculos, com os demais seres humanos, com o Eterno.

“A gente gosta tanto de si mesmo que nunca se avalia com isenção. Todo autorretrato é sempre retocado, sofre um inconsciente processo de polimento e melhoria. É a referência ideal que marca nossa trajetória, que altera, que modifica a cada passo o relato de nossa vida, e em cada situação passada, o homem atual que éramos, vai sendo recuperado, mas com infiltrações sorradeiras pelo homem ideal que não conseguimos ser. Ninguém recorda nada com pura objetividade. Aliás, a pura objetividade não é a verdade. A verdade, no plano das coisas humanas, não científicas, é a tentativa de um sujeito para compreender, diria melhor, compreender um objeto, e só se compreende o objeto a partir do sujeito. A consciência-sujeito impossibilita, no ato de conhecer o objeto, que a realidade se coisifique. Ela a impregna de sua marca, dá-lhe um tom pessoal e único, que não distorce o objeto apreendido. Antes o resgata daquela inércia pastosa e indiferenciada que o desfigurava na sua condição de puro objeto.

“Vou começar com um fato de burrice. Pura objetividade: minha carteira de identidade. Nasci em Timbauba, aos 12 de maio de 1916. Façam as contas, já estou meando a década dos 80. As lembranças de minha infância são muitas, mas a infância vista pelo velho é algo de, ao mesmo tempo, cômico e trágico; uma melancolia risonha. Este depoimento me obriga a recuperar da infância aquelas coisas, sobretudo as que não foram vividas do modo como as vejo hoje; a infância recuperada pela memória do velho é mais que idealizada. Ela traz um toque de frustração e ao mesmo tempo de encantamento. Se eu me lembro de alguns fatos da minha infância, lembro-me profundamente da primeira escola. A primeira professora foi minha mãe, não só no sentido de educação natural como mãe, mas no sentido mesmo didático. Ela me ensinou a ler e a escrever, na carta de ABC, de Landelino Rocha.

“Quando entrei para a escola, aos seis anos de idade incompletos, já sabia ler. Já era um leitor com propensões módicas para leitura e para negociar a vida com as páginas do livro. Talvez tenha sido um péssimo negócio feito na infância; no entanto, tenho certeza de que não me deixei viver pela vida, eu a vivi ativamente. Fiz de viver um verbo transitivo pois, desde menino, apesar de sentir essa paixão

imensa pela leitura, fui um menino absolutamente menino. Se há menino absoluto, eu penso que fui um. Não era um menino pensativo, intelectualizado, era um menino que gostava de inventar trelas, que fazia todas as espécies de travessuras. Sentia-me inteiramente descompromissado com as consequências de minhas aventuras infantis, não refletia absolutamente sobre se eu era menino ou não. Eu era simplesmente eu. Solto na minha infância, na minha área de colegas. Não percebi nem que eu era também um leitor que me estava pervertendo mentalmente com essas leituras que iriam desviar, talvez, a corrente espontânea da minha vida pessoal.

“Minha mãe – nunca a decifrei – era mais para se adivinhar; achava-a forte, de poucas palavras, poucos gestos, muito silêncio. Não ria quase nunca. Todo aquele jeito retraído, aquele silêncio comprido em que se embrulhava, era a forma que achava de se proteger dos outros. Vivía muito refugiada nela mesma, gostava de falar baixinho enquanto costurava, como se estivesse cantado uma canção sem música. Não havia melodia, havia murmúrios. Que dizia ela? Não sei. O que sei é que ela era verdadeiramente uma personalidade que me fascinava. Com ela aprendi, talvez, a gostar do silêncio, a me esconder das pessoas, a buscar no refugio do quarto uma área onde eu me sentisse mais à vontade. No entanto, apesar desse silêncio, apesar desse enigmático modo de ser, minha mãe marcou bastante a minha infância e talvez até o meu jeito de ser – hoje. Ela somente não, o meu pai, o contraditório de minha mãe.

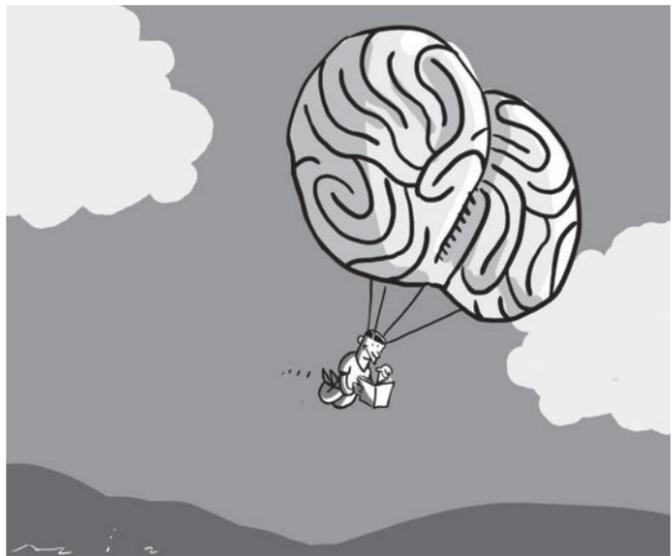
“Meu pai era tumultuoso e tumultuante, risonho, uma espécie de Castro Alves sem cultura. Mulatão negroide, beiços grossos, dentadura brilhante como um espelho. Gostava de contar histórias fantásticas, talvez até vividas por ele, mas retocadas a seu modo, nas quais ele aparecia, ao mesmo

“Se há menino absoluto, penso que fui um. Não era um menino pensativo, intelectualizado; gostava de inventar trelas, travessuras”

tempo, como herói e vilão, deixando sempre as conclusões no ar, dúbias e ambíguas, como ele. Era, porém, alegre, contagiosamente alegre. Ao entrar em casa, meu pai transformava o ambiente tranquilo de minha casa numa espécie de praça da alegria. Todos ficávamos em torno dele e ele procurava sempre compensar suas ausências com uma presença de relâmpago, que ao mesmo tempo iluminava e cegava.

“Os dois – papai e mamãe – gostavam-se de um modo meio esquisito, mas gostavam-se; gostavam-se aos socos, aos solavancos, aos trancos e barrancos, como nos amores dos folhetos baratos. Depois de seus periódicos sumiços, quando meu pai reaparecia, vinha com uma braçada de flores, que minha mãe recebia com um ar de meio enojamento, como quem segura um penico cheio. E jogava as flores sobre a mesa. Então meu pai despejava toda sua retórica de amante canastrão e citava Romeu e Julieta, Camilo Castelo Branco, Amor de Perdição, Abelardo e Heloisa, numa farofada de declarações de amor que terminavam por quebrar a resistência de mamãe.

“Era um espetáculo várias vezes repetido. Meus irmãos, meio atordoados, saíam da sala como se tivessem medo das reações de mamãe, sempre ameaçadoras no período de ausência. Iam todos para o quintal. Eu, porém, gostava de ficar assistindo, torcendo por minha mãe. Certo de que ela



JANIO SANTOS SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



estava com a razão, mas que devia ceder à retórica do grande histrião porque os dois se amavam.

“Era este o clima sentimental em que vivi os meus anos de menino. Tempo bom, mas sujeito a trovoadas, como na Meteorologia. Papai e mamãe se amando de verdade e, no entanto ou talvez por causa disso, se estraçalhando, arranhando, xingando e no fim se abraçando e beijando como se nada houvesse acontecido. Depois disso vinha um período de paz, com a rotina tediosa que a paz costuma trazer consigo. Minha mãe voltava a tomar seu jeito de indiferença apaixonada sem deixar aquele toque de melancolia de quem se sentia em perigo de recusa provisória. Meu pai, satisfeito, extrovertido, chegando em casa nas horas certas, sempre com um presente, flores, sabonetes, uma caixa de palitos.

“Acho que foi assim que fui formando a minha visão de que viver é um incessante ensaio de convivência com os opostos, fora de nós e dentro de nós. E que amor e ódio se sustentam na medida em que são o exercício de dilaceramento e um jogo de ambiguidades afetivas.

“Minha mãe morreu em março de 1933. Tão importante foi ela para mim, hoje sei, que com sua morte começou a fase inteiramente nova e diferente de minha vida. Se pior, se melhor, não sei, só sei que diferente. Só sei que necessária, porque sei que a gente só cresce na mudança.

Rupturas periódicas que a gente depois costura para o cobertor não ficar rasgado e a vida torta.

“Fomos nove irmãos que conseguimos chegar até a idade adulta. Uma que teve a gentileza de morrer menina, e mais um que de espanto da vida nasceu morto. De todos esses irmãos, apenas restamos Lourdes, Chiquinha e eu. Lourdes, já fora do ar, entre o êxtase e a caduquice, a mais querida de todas por mim. Nunca concordando com meus desacertos, mas sempre a meu lado. Não discutindo, mas me aceitando, me engolindo sem mastigar. Todos os meus irmãos foram irmãos demais, cada um ajudou na minha construção, embora por minha decisão pessoal todos saíssem de baixo, pois sempre quis desabar sozinho.

“Heloisa era o nome de minha irmã mais velha. Chorava por qualquer coisa, mas era alegre, de natureza quase festiva. Lembro-me dela a tocar piano e eu sentado junto, quieto, mais de hora, a ouvi-la. Encantado com a dança dos dedos no teclado, invadido de música, posto fora do tempo e não mais sentindo espaço, todo eu passarinho, ventania, sopro, nuvem longe no ar. E Heloisa chorando. Às vezes ela se punha a estudar, no método *Ecole de la vélocité*, os exercícios de técnica pianística e me falava: – Pode sair, que eu não estou tocando música. Eu perguntava: – E o que é que eu estou ouvindo? E ela: – Exercícios. Então eu retrucava: – Eu gosto de exercício, eu fico.

“Hoje sei que gosto de som, mesmo solto e puro. Mesmo desarranjado, em conflito como em Stravinsky às vezes, em Schönberg sempre, ou machucado e maluco. A melodia me encanta, é verdade. Resolve todo meu tempo interior, mas não é toda música. Há por baixo da melodia o som que a sustenta e que tem sua beleza de origem e sua autonomia de uma composição musical qualquer. Os pássaros sabem disso. Eles cantam sem partitura e soltam no ar sons que, como os exercícios de minha irmã Heloisa, me põem deliciado a dizer: Mesmo com os desafios da vida, eu gosto de exercícios. Quando ela dizia: – Basta! E ia levantar-se, eu lhe pedia para tocar *La Cumparita*. Queria vê-la chorar. Heloisa chorava por qualquer coisa.

“Toda lembrança, toda evocação, vem cheia de fumaça, mergulhada na bruma, e só se torna clara quando a gente acentua os seus traços num esforço de reconstituição aproximativa de que resulta o retrato restaurado, mais para feio do que era ou mais para bonito, conforme o humor ou o sentimento de quem lembra. Afinal nem a fotografia de ninguém é exata. Digo mais, até a vida é parecida. Às vezes, mesmo, muito parecida, mas não é. Pois sempre da vida mais transparente fica alguma coisa se não oculta ou perdida. E talvez isso que se perde na recuperação pela lembrança seja justamente a verdade do que se era.”

HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



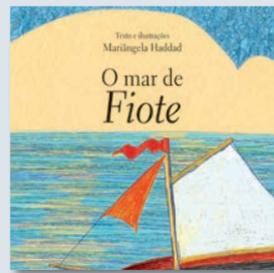
Assine.

Revista Continente.

Conteúdo é tudo.

0800 081 1201

e-mail assinaturas@revistacontinente.com.br



O MAR DE FIOTE
Mariângela Haddad

Vencedor do Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil/2011 na categoria infantil. Ilustrado pela autora, conta a história de um menino que, com pai ausente e cercado de irmãs tagarelas, não consegue se expressar.

R\$ 35,00



O DIA EM QUE OS GATOS APRENDERAM A TOCAR JAZZ
Pedro Henrique Barros

Com esta narrativa impactante o carioca Pedro Henrique Barros venceu o Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil de 2011, na categoria juvenil.

R\$ 35,00



A CASA MÁGICA
Maria Amélia de Almeida

A casa mágica, da pernambucana Maria Amélia de Almeida, veterana na literatura infantojuvenil, compartilha com as crianças de hoje as experiências de um mundo antigo.

R\$ 25,00



O FOTÓGRAFO CLÁUDIO DUBEUX
Cláudia Poncioni

Álbum que reúne fotografias tiradas pelo empresário, industrial do açúcar e fotógrafo amador. Possui um rico acervo documental da expansão da malha ferroviária do Nordeste e do cotidiano das famílias recifenses do século 19.

R\$ 95,00



PONTES E IDEIAS
Cláudia Poncioni

O livro mostra o lado humanista do engenheiro francês que projetou obras modernizadoras no Recife do século 19, a exemplo do Teatro de Santa Isabel e do Mercado de São José.

R\$ 60,00



AMARO QUINTAS: O HISTORIADOR DA LIBERDADE
Amaro Quintas

O volume reúne as obras *A Revolução de 1817*, *O sentido social da Revolução Praieira* e *O padre Lopes Gama político*, que espelham um trabalho em boa parte voltado para os movimentos libertários brasileiros, fazendo de Amaro Quintas pleno merecedor do título de *O Historiador da Liberdade*.

R\$ 60,00



O ÁLBUM DE BERZIN
Fernando Cerqueira Lemos

Compilação do trabalho fotográfico de Alexandre Berzin, a partir dos arquivos da Fundação Joaquim Nabuco e do Museu da Cidade do Recife. O registro do fotógrafo vai desde detalhes arquitetônicos até cenas de carnaval, passando por paisagens urbanas, rurais e marinhas.

R\$ 60,00



ELUCIDÁRIO
Fernando Cerqueira Lemos

Escrito por um especialista no assunto, com cerca de 400 verbetes, em linguagem acessível e direta, além de ricamente ilustrado. Obra útil para colecionadores, leiloeiros, decoradores, arquitetos, antiquários e marchandes.

R\$ 90,00



SONETOS QUASE SIDOS
Daniel Lima

“Como serei depois de quase um ano de morto, e ainda muito mais, mortíssimo?”. Questões que nem todo mundo tem coragem de encarar, prendem a atenção do leitor nas páginas de *Sonetos quase sidos*, o novo livro do padre-poeta Daniel Lima.

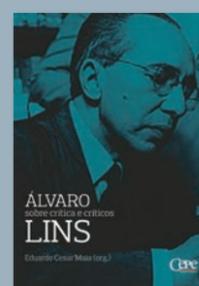
R\$ 40,00



COLEÇÃO ACERVO PERNAMBUCO

A coleção Acervo Pernambuco reúne livros inéditos, raros ou fora de catálogo, que têm importância fundamental para o Estado, o Nordeste e o País. Entre os vários autores estão Ulysses Lins de Albuquerque e Mário Melo.

R\$ 15,00 (cada)



ÁLVARO LINS: SOBRE CRÍTICA E CRÍTICOS

Organizada por Eduardo Cesar Maia, a obra é uma homenagem ao centenário do nascimento de um dos maiores críticos literários que o Brasil já teve, Álvaro Lins. O livro reúne artigos sobre crítica e críticos de sua época, selecionados dos seus livros.

R\$ 35,00

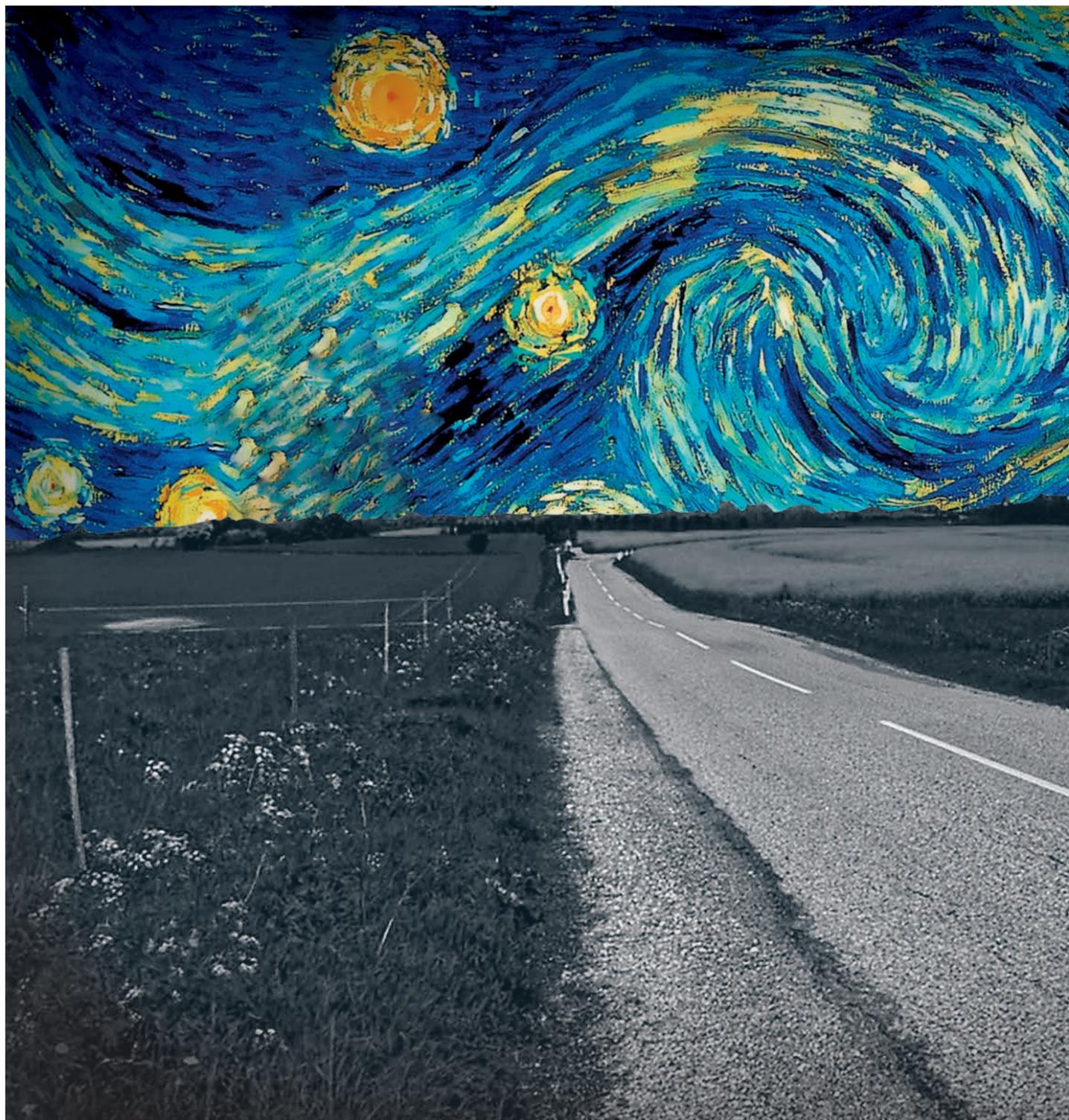
Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Luiz Vilela

MONTAGEM SOBRE "A NOITE ESTRELADA", DE VAN GOGH



Você Verá

Mesmo sabendo que naquela noite – véspera de Ano Novo – a estrada não teria muito movimento, admirava-se do tanto que ela estava calma. A própria noite, carregada e ameaçadora de chuva nos dias anteriores, irradiava agora a mesma calma, com seu límpido e estrelado céu.

Era bom dirigir assim, tranquilo, sem pressa, depois de mil correrias para sair a tempo de chegar antes da meia-noite, quando todos os da família se reuniram em sua casa para comemorar a passagem do ano. Olhou as horas: quinze para as dez. Naquela marcha, devia chegar às onze e meia, mais ou menos. Podia chegar até antes se acelerasse, mas não, não ia acelerar, não ia correr.

“Chega”, disse para si mesmo, “chega de correr.” Propósitos de Ano Novo? Pois ali estava um bom: não correr. E já começara agora, na véspera, a poucas horas do novo ano, indo assim, bem devagar, contemplando a noite, a estrada – e lá estava, na frente, um... Veja só, um tatu! Parecia paralisado pela luz dos faróis. Apagou-os então, de imediato, e desviou o carro para o acostamento.

“Pode passar, meu caro”, ele disse; “antes que alguém passe por cima de você...”

Esperou um pouco. Então acendeu novamente os faróis, e já não viu mais o tatu. Voltou à estrada e seguiu. Um tatu... Há quanto tempo não via um... Aquela parecia ser mesmo uma noite especial, uma noite... O celular tocou.

“Alô.”

“Bem, onde você está?”

“Estou na estrada.”

“Que hora que você chega?”

“Espero chegar à hora que eu disse: antes da meia-noite.”

“Já está quase todo mundo aqui.”

“É?”

“Quase todo mundo.”

“Eu vi um tatu.”

“Tatu? Você matou ele?”

“Matei. Eu passei por cima, e ele fez crec!”

“Eco.”

“Eu vou levando ele pra te mostrar...”

“Eu não! Deus me livre!”

Ele riu.

“Já está quase todo mundo aqui. Seus irmãos chegaram mais cedo: o Jonas e a Judimar, com as famílias.”

Jonas, o Psicopata, e Judimar, mar de ignorância, burrice e mentira.

“O Paulo chegou há pouco e quer o carro para levar a namorada ao clube.”

“Ele só aparece quando precisa de alguma coisa, né? Dinheiro, carro...”

“Como, bem?...”

“Nada.”

“Sabe quem também está aqui?”

“Quem?”

“A Dona Ofélia.”

“Dona Ofélia? A troco de quê?”

“Ela pediu para eu te dizer que ela trouxe as fotos para mostrar para nós, as fotos da viagem que ela fez ao Egito.”

“Egito?”

“Espera aí, amor...”

Ele esperou.

“Não é Egito, não; ela está aqui pedindo para eu corrigir: é Patagônia.”

“Parecem...”

“É Patagônia, amor.”

“Já ouvi.”

“Ela está dizendo que as fotos são lindas, que as paisagens são maravilhosas, os desertos... Hem? Como, Dona Ofélia? Espera um pouco, amor...”

Luiz Vilela

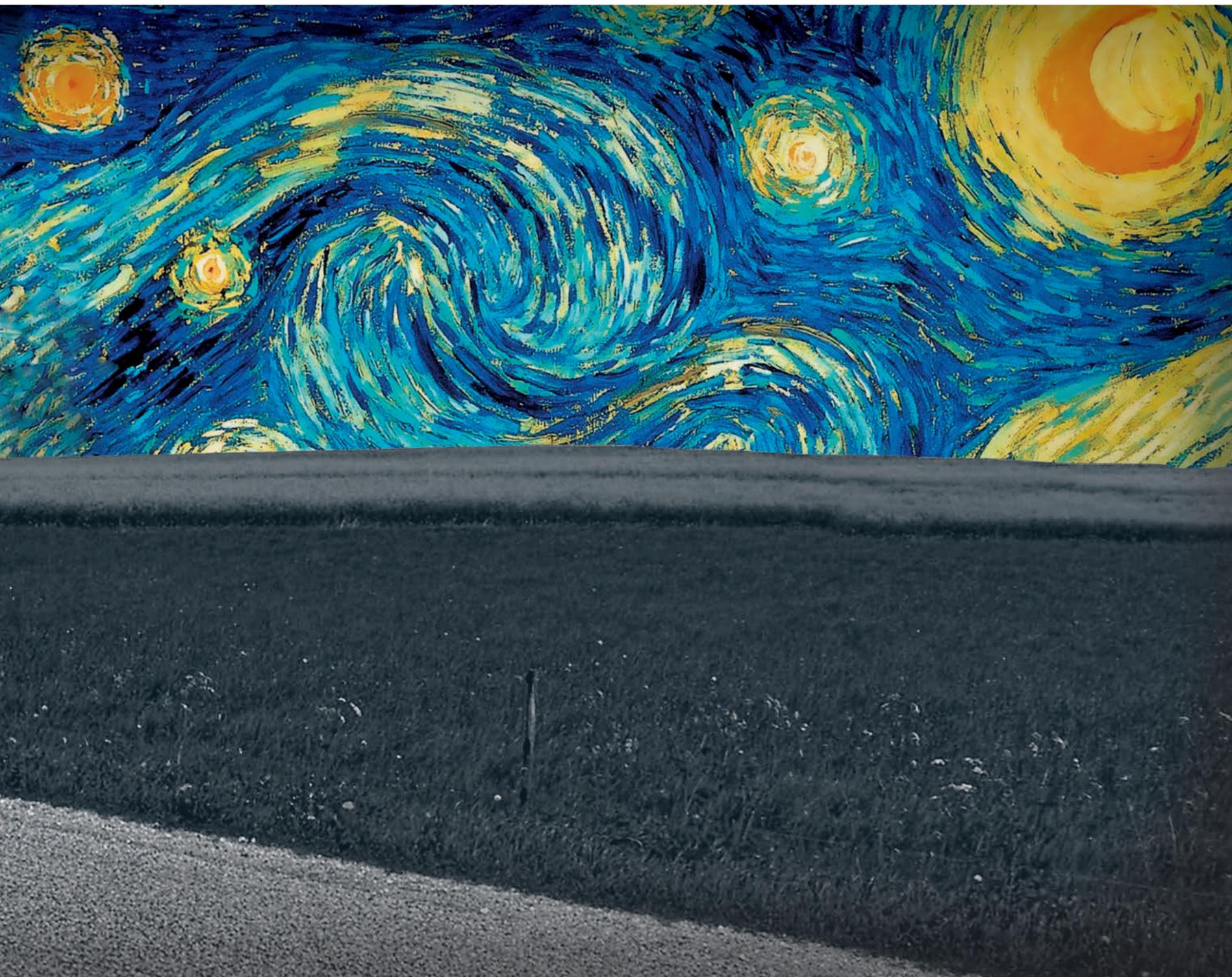
INÉDITOS



“Estou esperando...”
 “A Dona Ofélia vai falar com você...”
 “Sim.”
 “Boa noite, José.”
 “Boa noite, Dona Ofélia.”
 “É só para fazer uma correção: os desertos; a Léa entendeu mal.”
 “Sei.”
 “Eu fiz referência aos desertos do Egito.”
 “Sim.”
 “Os desertos do Egito em contraste com as geleiras da Patagônia.”
 “Sim.”
 A linha caiu.
 Ele ligou o rádio.
 Simon e Garfunkel!
 “Hello, darkness, my old friend” ...
 Ele cantou junto, até o fim.
 Era mesmo uma noite especial: ligar àquela hora o rádio e dar com Simon e Garfunkel e uma de suas canções prediletas...
 Tinha todos os discos deles, todos os LPs – mas havia tempos que, por falta de tempo, não os escutava. Então outro bom propósito para o Ano Novo: escutar novamente todos os discos de Simon e Garfunkel. Ah, a década de 60! Quanta coisa... Os sonhos, as lutas, a rebeldia, a coragem, a loucura... O que ficara de tudo aquilo? O que ficara? E ele? E sua vida?
 O celular.
 “Amor.”
 “Quê.”
 “Eu quero saber se eu já posso colocar o pernil no forno.”
 “Pode.”
 “Que hora que você vai chegar?”
 “Eu já disse: antes da meia-noite.”
 “Então eu já posso pôr o pernil?”
 “Pode.”
 “Então eu vou pôr, hem?...”
 “Tá.”
 Ele casara com um par de peitos. Isso: um par de peitos. Depois vira que, por trás dos peitos, não havia

nada. Ou, melhor, havia, havia sim: havia o nada. O celular.
 “E aí, campeão?”
 “Quem?”
 “O Silva.”
 “Silva?...”
 “Sim, meu caro.”
 “Onde você está, Silva?”
 “Adivinha...”
 “Só pode ser na firma.”
 “Não, na firma, não... Sabe onde eu estou?”
 “Onde?”
 “Sentado confortavelmente no sofá de sua casa.”
 “De minha casa?...”
 “Sim, senhor.”
 “Hum...”
 “Eu trouxe os relatórios para você ler.”
 “Mas hoje, Silva?...”
 “Não, hoje não; claro que não... Mas como amanhã é feriado, eu pensei que você já gostaria de ir dando uma olhada. É só pra agilizar as coisas.”
 “Hum.”
 “Só pra agilizar, entendeu?”
 “Sim.”
 “A perspectiva é boa, viu?”
 “É?”
 “Muito boa. A previsão é de um aquecimento das vendas já a partir de março.”
 “Sei.”
 “Está aqui o relatório; quinhentas páginas.”
 “Quinhentas?...”
 “É, mas é que estão aqui também os balanços, as planilhas... Está tudo aqui, reunido.”
 “Hum.”
 “Você vai ter uma boa diversão para o feriado; estou até com inveja...”
 “É, né?...”
 “Ah, Zé, sabe quem está aqui também?”
 “Quem?”
 “O Teco.”
 “Teco?”
 “O Teco Telecoteco.”

MONTAGEM SOBRE 'A NOITE ESTRELADA', DE VAN GOGH



“Ah.”
 “Eu encontrei com ele ontem à noite na rua. Aí eu perguntei: ‘Teco, onde você vai passar o reveillon?’ ‘Em lugar nenhum’, ele respondeu, ‘eu vou ficar em casa, quieto no meu canto.’ ‘Não vai, não’, eu disse; ‘você vai comigo lá no Zé.’”
 “Hum.”
 “Ele topou, e agora ele está aqui também. Ele e a Glorinha, a mulher dele. E o filho, o Pimentinha.”
 “Sei...”
 “Acho que eu não fiz mal em convidar, fiz?”
 “Não.”
 “Como?...”
 “Eu disse que não.”
 “Seja sincero: eu fiz mal?”
 “Claro que não, Silva!”
 “Ele está aqui, ao meu lado, o Teco. Ele está te mandando um abraço.”
 “Outro para ele.”
 “Você já está vindo?”
 “Já; eu e minha amiga *darkness*.”
 “Quem?...”
 “Minha amiga *darkness*.”
 “Os meninos estão fazendo muito barulho aqui, eu não ouvi direito...”
 A linha caiu.
 Ele desligou o rádio.
 Dez para as onze.
 Uma placa: “Não perca tempo.”
 Perco sim. Eu agora vou perder todo o tempo que eu puder. Serei o maior perdedor de tempo do mundo. O que você está fazendo aí, parado nessa mesa, Zé? Não estou fazendo nada, estou perdendo tempo, vamos?
 Ele riu.
 O celular tocou.
 “Bem, que história é essa?”
 “Ou vocês param de me ligar ou eu vou acabar batendo.”
 “Quem é essa amiga que está aí com você.”
 “Amiga?...”
 “Essa que está aí com você.”

“Não tem nenhuma amiga aqui comigo, Léa; você ficou doida?...”
 “Tem sim, eu estou sabendo.”
 “Como está sabendo?”
 “O Silva me contou.”
 “O Silva?...”
 “Ele me contou que você está aí com uma amiga.”
 “O Silva ficou maluco; ele não entendeu nada. Você está aí na sala?”
 “Estou no banheiro, e daqui não saio enquanto eu não souber que amiga é essa.”
 “Está bem; tem, sim, tem uma amiga aqui comigo: é a *darkness*.”
 “Aquela do escritório?”
 “Do escritório?...”
 “A Joana D’Arc, a Darquinha.”
 Santo Deus, é hoje...
 “Vai cuidar do seu pernil, Léa; vai cuidar do seu pernil, antes que ele vire carvão.”
 “Pois que ele vire, que o pernil vire carvão e que a casa pegue fogo: eu não saio desse banheiro enquanto eu não souber quem é que está aí com você.”
 Droga...
 “Eu aqui feito uma idiota, nesse calorão, no meio desse povo, assando um pernil e te esperando para dar um abraço, e você me traindo com uma colega de serviço...”
 “É...”
 “Eu sei que é ela, eu já desconfiava; à hora que eu liguei, eu ouvi a voz dela.”
 Santa Mãe de Deus...
 “Você quer saber de uma coisa? Quer? Que esse seu carro bata e que você e sua amiga morram carbonizados e não sobre nada, tá? Nem cinza.”
 Ela desligou.
 Ele passava diante da mata de eucaliptos, à sua esquerda, e abriu os vidros para deixar entrar o ar perfumado e revigorante.
Eucalyptus citrodorea...
 O celular tocou.
 Merda!
 “Alô.”

“Pai?”
 “Sim.”
 “Que hora que você chega?”
 “Primeiro a gente diz boa noite; não é, não?”
 “Ah, Pai, isso é caretice.”
 “Caretice, né?”
 “Que hora que você chega? Estou precisando do carro pra levar a mina no clube; ela está lá na casa dela, me esperando.”
 “Hum.”
 “Eu vou com ela passar o *réveillon*. Já são onze horas, você já está chegando?”
 “Estou.”
 “Vê se dá uma acelerada.”
 “Não, não vou dar uma acelerada.”
 “Você está a quanto?”
 “Cinquenta.”
 “Ah, Pai, vai curtir com a minha cara, é?”
 “E vou passar para quarenta; depois trinta; depois vinte; depois...”
 O celular foi desligado.
 Tabuletas, outdoors – a capital ia aparecendo. Mais quinze minutos e ele estaria à porta de casa.
 Quando viu, no horizonte, a comprida faixa de luzes, desviou o carro para o acostamento e parou. Apagou os faróis e ficou algum tempo quieto.
 Então deu meia-volta: atravessou a pista e entrou pela estradinha de terra que ia dar na mata de eucaliptos. Quando chegou em frente à mata, ele novamente parou.
 Olhou as horas: onze e meia.
 Pegou o celular e teclou.
 “Léa, eu tive um problema aqui; eu só vou chegar mais tarde.”
 “Eu sabia.”
 “Sabia?”
 “Sabia que você não ia chegar.”
 “Então está bem.”
 Ela desligou.
 Ele encostou a cabeça no banco, fechou os olhos e ficou ali, na escuridão, esperando passar o tempo, esperando o Ano Novo passar.

RESENHAS

ARTE SOBRE FOTO DE RICARDO MOURA/DIVULGAÇÃO



Um autor que nasce com marca própria

Livro de contos confirma novo talento da literatura pernambucana: Nivaldo Tenório

Raimundo Carrero

O escritor Nivaldo Tenório acaba de lançar *Dias de febre na cabeça*, denso livro de contos que revela um talento genuíno e forte, sedimentado em histórias humanas e decisivas, conquistando a atenção do leitor. Pode-se destacar que se apresenta com grandes qualidades ficcionais, a partir do domínio absoluto do texto, investindo na coerência entre personagens e situações, sem alimentar falsas posições literárias e sem necessariamente buscar o campo das novidades inventivas, que terminam por insistir numa possível vanguarda, já de muito ultrapassada.

Basta uma leitura atenta neste livro, ainda que às vezes descuidada, para se verificar o nascimento – se é possível dizer assim em relação a Nivaldo – de um verdadeiro escritor, preocupado com o seu ponto de vista, ou seja, com a sua visão de mundo, trabalhada na formatação do

texto, na construção dos personagens, na estrutura dos diálogos, enfim, no seu universo intelectual, com o bom acabamento da obra.

Nele, verifica-se de imediato o absoluto amor à literatura, mais especificamente, à prosa de ficção, com um estilo marcado pela força da pontuação, com frases que parecem golpes certos, sem tempo para inúteis reflexões, sustentando o olhar do personagem desde o primeiro instante, e com ele percorrendo todo o texto. São escritores assim que tornam possível a literatura, num mundo em que se apregoa a pressa e o descompromisso.

Sim, porque o olhar do personagem é uma técnica extremamente forte, que concede ao narrador um grau supremo de liberdade, de forma a percorrer toda a história tanto no panorâmico quanto nas individualidades, explorando ora a imagem, ora o

psicológico, embora o psicológico tenha uma predominância decisiva na prosa de ficção.

Para alcançar todos estes efeitos, Nivaldo leva para o seu trabalho ficcional o poder de uma leitura cada vez mais selecionada, não levando para a estante aqueles livros que forçosamente atrapalham a formação do escritor. De forma que neste instante é preciso saudar a força deste escritor e, é claro, o enriquecimento da literatura pernambucana, vindo de Garanhuns.

Não resta dúvida que, a partir deste livro, Nivaldo passa a integrar o quadro dos melhores ficcionistas do Estado, pronto para novos voos, sem necessariamente tornar-se um romancista como se exige tanto por aí. O conto é, em si mesmo, um produto artístico pronto e acabado, e tornando-se uma obra de arte absoluta, desde que recebendo um acabamento de qualidade.

Para isso, basta que se preste atenção no ritmo,

no andamento e na cadência dos textos, em que os personagens se realizam plenamente.

Sem dúvida, ritmo, andamento e cadência muito particulares, de um criador que já nasce com sua marca definitiva. Para dizer mais sobre Nivaldo é preciso entrar no detalhe criador, sobretudo na estrutura das frases, das cenas, dos cenários, dos diálogos.



CONTOS

Dias de febre na cabeça

Autor - Nivaldo Tenório

Editora - u-Carbureto

Preço - R\$ 25,00

Páginas - 112

Mariza Pontes

NOTAS DE RODAPÉ

LITERATURA INFANTOJUVENIL

Cepe abre inscrições para seu IV Concurso, que tem âmbito nacional

Estão abertas as inscrições ao IV Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil (foto), até o dia 30 de agosto. Os prêmios totalizam R\$ 32 mil, destinados às melhores obras para leitores de seis a dez anos de idade (categoria Infantil) e de 11 a 16 anos (categoria Juvenil), assim distribuídos: R\$ 8 mil para o primeiro colocado de cada categoria; R\$ 5 mil para o

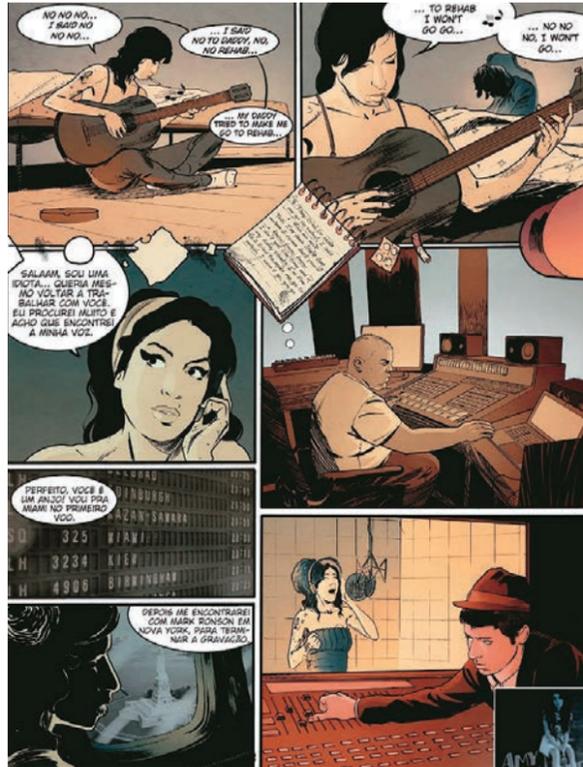
segundo e R\$ 3 mil para o terceiro. O resultado será definido por uma comissão julgadora composta de cinco membros, entre especialistas em literatura infantojuvenil e profissionais das áreas de educação e cultura. A Cepe Editora terá exclusividade na edição das obras premiadas. O regulamento está disponível nos sites www.cepe.com.br e editora.cepe.com.br.

DIVULGAÇÃO

Inscrições: de 1º de junho a 30 de agosto de 2013
Regulamento: no site www.cepe.com.br



REPRODUÇÃO



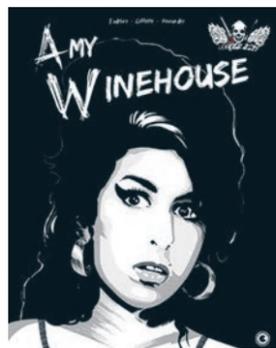
Crepúsculo precoce

Clube dos 27 é a denominação do grupo de músicos que morreram em situações misteriosas aos 27 anos, como Jimi Hendrix, Janis Joplin, Brian Jones e Kurt Cobain. A *graphic novel* Amy Winehouse, dedicada à cantora inglesa, falecida em julho de 2011, é o primeiro volume de uma luxuosa série de quadrinhos.

A arte do americano Javi Hernandez é competente, mas, por vezes, muito dependente de imagens de arquivo da artista. A mórbida história de depressão e alcoolismo de Amy é salientada pela palheta de tons escuros. O roteiro, assinado por dois jornalistas franceses com experiência em biografias e crítica musical, dá todos os indícios de um trabalho feito sob encomenda, forçando a barra para incluir a citação de uma música de Robert Johnson (o membro fundador do Clube dos 27), e foca os dramas pessoais da cantora. Cita nomes de celebridades, mas, por exemplo, passa batido

pela relação com Mark Ronson, produtor de *Back to black*, um dos melhores discos da década.

Lamentavelmente, a *graphic novel* não se sustenta como obra relevante para os quadrinhos, nem como souvenir para os fãs da cantora.



QUADRINHOS

Amy Winehouse
(coleção O Clube dos 27)
Autores - Christophe Goffette e Patrick Eudeline (roteiro) e Javi Fernandez (desenho)
Editora - Conrad
Preço - R\$ 39,00
Páginas - 48

REPRODUÇÃO



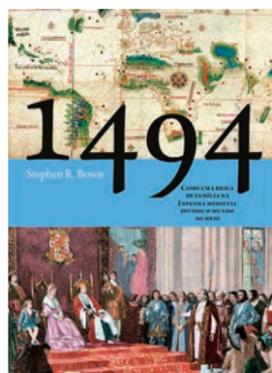
Por trás de Tordesilhas

Aprendemos que o Tratado de Tordesilhas dividiu o mundo entre Espanha e Portugal. Mas os livros não contam a polêmica travada entre as duas maiores potências da época, nem a explosiva briga que se deu entre monarcas, religiosos e exploradores, depois que Cristóvão Colombo chegou à Europa anunciando que havia descoberto um Novo Mundo.

Em 1494, o historiador Stephen R. Brown aborda os meandros do episódio. O livro mostra como os poderosos da época transformaram a corte e os oceanos num campo de batalha, e revela a importância do Tratado, assinado dois anos após o Descobrimento da América.

Financiada pelo rei português Dom João II e pelos espanhóis Fernando e Isabel de Castela e Aragão, a disputa fazia sentido: as duas potências

reivindicavam a posse das terras desconhecidas e de seus possíveis e incontáveis tesouros. O acordo tentou resolver as motivações dos diversos personagens envolvidos: da obstinada Isabel, ao arrogante e ganancioso Colombo, em sua busca pela glória nos mares. **(Danielle Romani)**



HISTÓRIA

1494 - Como uma briga de família na Espanha Medieval dividiu o mundo ao meio
Autor - Stephen R. Brown
Editora - Globo Livros
Preço - R\$ 39,90
Páginas - 296

TEMÁTICA DIVERSIFICADA

Cineclube Doze e Meia capricha nas escolhas

O Cineclube Doze e Meia vem atraindo cinéfilos para as exibições e o bate-papo que se segue, sempre com alguém de peso da área cinematográfica. Os temas escolhidos são o grande chamariz: *O mundo das mulheres*, *Onde os vivos não têm vez*, *Personalidades*, *Cinema de estrada*, *Rutilio está aqui* (filmes produzidos por Rutilio de Oliveira), *Identidades afro* e outros. Toda quinta-feira, às 12h30, no Centro Cultural Correios.

PRÊMIO DE LITERATURA

Vencedores serão publicados pela Cepe Editora

Os vencedores do 1º Prêmio Pernambuco de Literatura (parceria Cepe-Fundarpe) serão publicados pela Cepe Editora: *Olho morto amarelo*, de Bruno Guimarães Liberal, de Petrolina; *Recife, no hay*, de Delmo Montenegro, do Recife; *O livro de Corintha*, de Fernando Monteiro, do Recife; *O metal de que somos feitos*, de José Walter Moreira, de Vitória de Santo Antão; e *Discursos e anatomias*, de Joseilson Ferreira da Silva, de Passira.

LIVRO DIGITAL

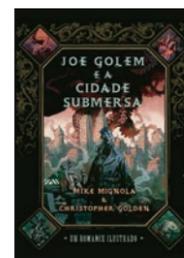
O futuro do livro será discutido na CBL

A Câmara Brasileira do Livro realiza o 4º Congresso Internacional CBL do Livro Digital, dias 13 e 14 deste mês, no Centro Fecomercio de Eventos, em São Paulo. O assunto interessa a todos os profissionais do mercado de livros. A palestra de abertura terá o pesquisador em engenharia de software, Silvio Meira, falando sobre *O Futuro do Livro e o Livro do Futuro - Como leremos em 2020?*. O encontro vai contar com palestrantes nacionais e internacionais.

PRATELEIRA

JOE GOLEM E A CIDADE SUBMERSA

Parceiros em vários trabalhos, como a série *Hellboy* e algumas sagas do *X-Men*, Christopher Golden, autor de ficção científica e romances de fantasia negra, roteirista de videogames e quadrinhos, e o quadrinista Mike Mignola estão juntos neste romance ilustrado em p&b, traduzido por Eric Novello. A história se passa em Nova York, misturando personagens envolvidos com o sobrenatural, aventura, mistério, bruxas, universo punk e muita fantasia.



Autores: Christopher Golden e Mike Mignola
Editora: Gutemberg
Páginas: 273
Preço: R\$ 43,90

OS MENINOS DA RUA PAULO

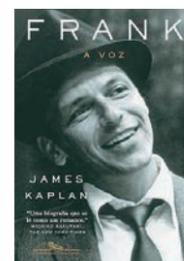
Traduzido por Paulo Rónai, este clássico, publicado pela primeira vez em 1907, conquista os leitores de hoje pelos exemplos de amizade e heroísmo dos meninos que travam ferrenhas batalhas na Budapeste do final do século 19, para defender o mundo que criaram. O autor vai além do universo infantil e de sua ótica ingênua, sonhadora e atrevida, fazendo a analogia com o mundo adulto que impõe sua cruel realidade.



Autor: Ferenc Molnár
Editora: Cosac Naify
Páginas: 264
Preço: R\$ 39,90

FRANK, A VOZ

Um dos primeiros fenômenos da cultura de massa e a provocar a histeria das fãs, o perfeccionista Frank Sinatra transformou-se no melhor intérprete da canção americana, sucesso em todo o mundo, numa carreira pontuada por lendas, paixões e pela sombra da máfia. A biografia de Kaplan mostra o impressionante talento, mas também as contradições do ídolo. O autor faz uma revisão da bibliografia sobre o cantor e acrescenta detalhes obtidos em novas entrevistas.



Autor: James Kaplan
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 752
Preço: R\$ 69,90

TRABALHAR COM FOUCAULT - ARQUEOLOGIA DE UMA PAIXÃO

Especialista em Michel Foucault e coordenadora de estudos sobre as relações entre mídia, cinema, juventude e educação, Rosa Bueno reúne alguns dos seus artigos publicados entre 1999 e 2008 sobre o pensamento foucaultiano, além de um texto inédito. O subtítulo - *Arqueologia de uma paixão* - é o mesmo que o filósofo francês usou quando descobriu a obra do pensador Raymond

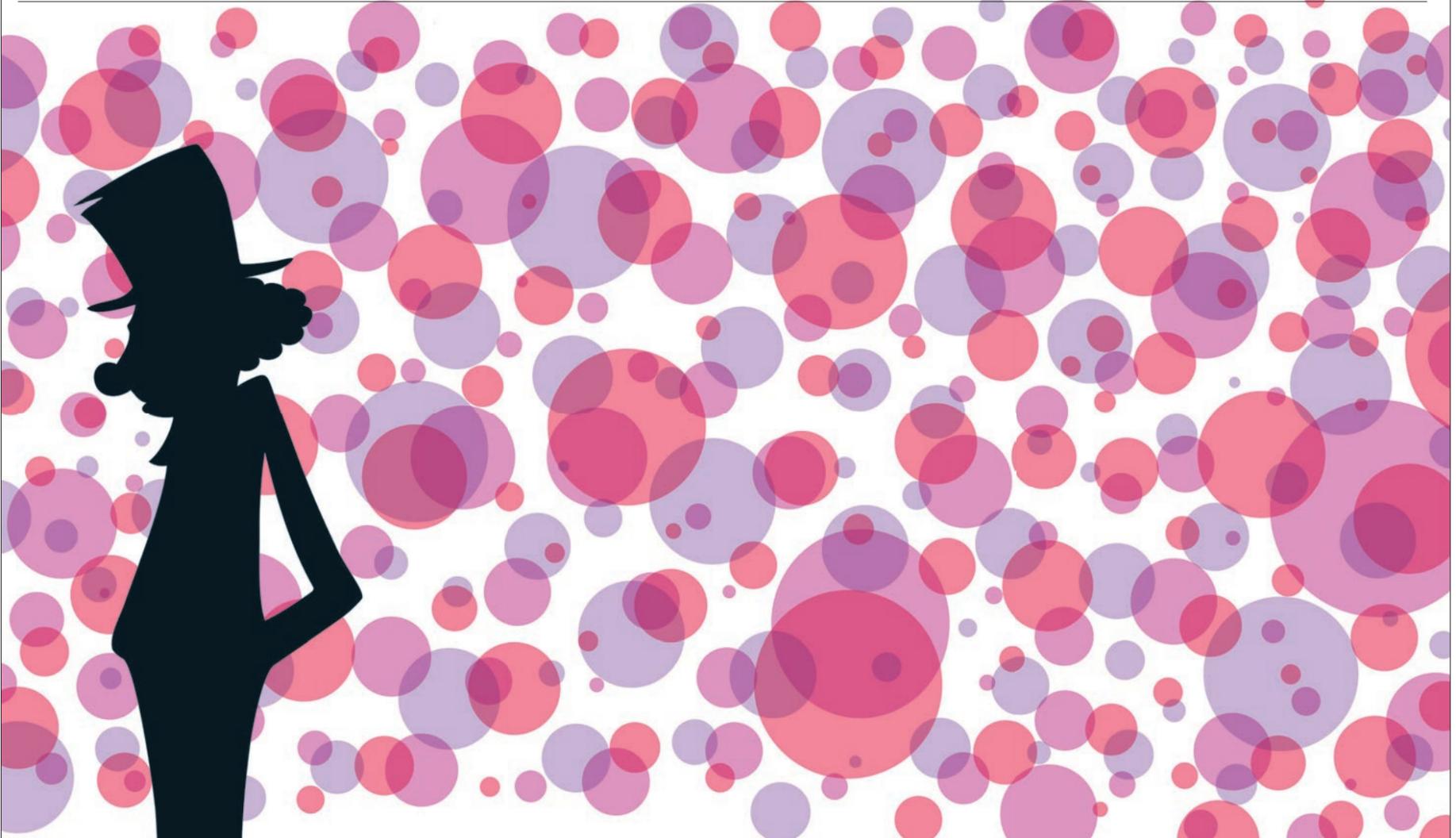


Autora: Rosa Maria Bueno Fischer
Editora: Autêntica
Páginas: 168
Preço: R\$ 37,00

CRÔNICA

Luís Henrique Pellanda

JANIO SANTOS



A indiferença da luz

Será possível que só eu o veja ali, na vizinhança do Passeio Público? Pois garanto a vocês: vagueia entre o Círculo Militar e o Teatro Guaíra, ao menos nas manhãs nubladas, um imenso palhaço em pernas de pau. Nunca o viram? Bem, não é todo dia que ele aparece, desconheço a sua agenda. Só sei que ultrapassa os três metros de altura. O traje é sempre o mesmo. Sapato bicolor, grande e sóbrio, calça larga e listrada, em azul e branco. O paletó é amarelo, mas bordado de corações, luas e estrelas. Informal, não usa gravata. Traz uma cartola sobre a peruca de lã amarela e um lenço florido no pescoço.

Que idade tem, não perguntem. Seu rosto é um mistério, e é raro vê-lo variar os traços e cores da sua clássica máscara de guache, até que bem feita. Mas o que é mais notável neste palhaço gigante – e, ao mesmo tempo, o que mais o torna invisível ao mundo – é que ele não faz nada.

É viável isto, um palhaço inútil? Este não vende coisa alguma. Doces, balas, sonhos, nada disso. Não distribui panfletos, não segura cartazes, não monta tocaia em cruzamento, não acampa na esquina. Não faz nada. Nem dinheiro nos pede, decerto possui outras fontes de renda. Não ri, não sorri, não chora, não busca contato visual. Não chama a atenção de ninguém, apenas anda, de lá pra cá, da Santos Andrade ao Largo Bittencourt, seguido somente por uma admirável bunda postiça. Ninguém vê graça nisso, e palhaçada nem é a dele. Como comediante, é certo que não existe. Às vezes, não sei, eu o considero uma espécie de artista da translucidez, martirizado pelo que pensa ser a indiferença da luz. Tem talento e carisma, e só não o aplaudo porque sinto vergonha de aplaudir sozinho.

Mas é claro que estou exagerando. O palhaço me impressionou tanto que tendo a idealizá-lo. Já o flagrei, sim, falando com outras pessoas em seu caminho. Um dia, eu o vi aconselhar alguns jovens malabaristas num sinal da Conselheiro Araújo. Três argentinos sentados no meio-fio acompanhavam sua conversa paternal, de especialista. Havia amor em sua postura, e aquilo

me agradou. Só lamentei não ter ouvido mais que uma frase do que ele dizia:

– Vocês têm de fazer disto uma vida.

Disto – não consegui descobrir a que ele se referia. Ao trabalho, à arte, à rua, a alguma eventual tragédia, ou ao sofisticado ato de escutar? Sim, os meninos o ouviam, mas com enfado, não há por que ocultá-lo. E também demonstravam amor por ele, e respeito, e algum medo. Pois o palhaço tem uma voz forte e aguda, característica da categoria, anasalada pela pressão de seu nariz de plástico, um timbre que nos gruda no ouvido e parece se dirigir, sempre, a toda uma multidão.

E quem aqui teria a coragem de afirmar que ela não está mesmo lá, essa multidão a seus pés, milhares e milhares de fantasmas sentados no meio-fio? E quem sabe não sejamos também, cada um de nós, uma visagem transparente na calçada, as orelhas abertas a qualquer aprendizado mágico? E quantas vezes nós mesmos não imitamos o palhaço, e pontificamos para o vento que sai de nossas bocas?

Também o vi, noutra manhã, dando dicas de maquiagem a um daqueles moços. O pequeno malabarista se mirava num espelho de automóvel e seguia à risca as instruções de seu mestre pernalta. Como pintar o olho, como desenhar os beijos, como controlar as sobrancelhas, como esconder a alma amargurada, e os ressentimentos, e os temores, e toda a solidão com que a cidade nos presenteia. Admito que ficou ótimo, uma hora ou outro experimento.

Ao meio-dia e meia, mais ou menos, o palhaço some. É de lei. Vai para casa, não sei, ou para outro canto qualquer do Centro. Acredito que também precise almoçar, que sinta fome como qualquer um de nós. Só que, antes de partir, ele se acomoda um instante entre dois dos quatro tubos do Ligeirinho no Jardim Leonor Twardowski. Madeira sobre acrílico, escora o corpo magro no ponto dos ônibus que batem e voltam do Aeroporto, do Pinheirinho, do Santa Cândida, e ali se abandona a um silêncio contemplativo. Visto aqui de baixo, o cara lembra um poste sem lâmpada.

Não espera a condução. Espera a saída do Colégio Estadual, as meninas que passam em bandos alvoroçados, em seus uniformes brilhantes, as mochilas abarrotadas de futuro e desinteresse, adolescentes em calças azuis e brancas, exatamente como as dele, só que justas, cada vez mais justas. As novas gerações, ele gosta de vê-las passar. Parece querer atacá-las, agredi-las, ofendê-las, mas não: ele as deixa passar, e tudo que guardará delas será uma lembrança de afeto e desejo.

Gosto dele, gosto, é um sujeito fascinante. Outro dia o vi se aproximar, com seu elegante passo de girafa, da árvore que faz sombra aos taxistas da Amintas de Barros. Não sei dizer que planta é aquela. A copa, nem alta nem baixa, é feita de folhas de um verde morto, acinzentado, mas vive carregada de flores miúdas e rosadas, tão atraentes quanto agressivas.

Gente de perna curta, vocês podem imaginar, não tem acesso a elas. Mas o palhaço tem. Assim, ele foi até lá e começou a colhê-las, como se fossem pitangas, uvas, jabuticabas, araçás. Um espetáculo lindo de se ver, o artista enchendo de flores a sua cartola vermelha. Curioso, sentei no Café do Estudante e pedi uma água mineral, queria descobrir o que aquele homem surpreendente faria com sua colheita.

No radinho do lugar, tocava uma guarânia bonita, não sei quem a cantava, era uma voz de criança, triste e afinadíssima. Fiquei feliz por ter parado ali, a música me fez bem. Uma loura falsa, de óculos escuros, tomava uma cerveja na mesa ao meu lado, e seus lábios se mexiam conforme os versos da canção – uma pena que a letra, agora, me escape.

Aquilo me distraiu do palhaço das pernas de pau por alguns segundos e, quando tornei a olhar para a árvore, ele já estava indo embora. Não vi o fim que deu àquelas flores, mas de repente tive a impressão, quase a certeza, de que as escondera debaixo da cartola. Enterrou-as ali e subiu a Amintas com a cabeça pesada, perfumosa. Os cabelos de lã cobertos de pétalas, pólen e insetos.

Que a escuridão os fertilize.